Universidade Estadual Paulista

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes

VINICIUS DIAS OLIVEIRA DE ALMEIDA

DESLOCAMENTOS:

entre gravuras, desenhos, colagens, pinturas e livros de artista.

São Paulo

2023

VINICIUS DIAS OLIVEIRA DE ALMEIDA

DESLOCAMENTOS:

entre gravuras, desenhos, colagens, pinturas e livros de artista.

Dissertação apresentada à universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” para conclusão do Mestrado em Artes.

Orientador: Profº. Drº. José Paiani Spaniol.

São Paulo

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp.
Dados fornecidos pelo autor.

A447d Almeida, Vinicius Dias Oliveira de,

Deslocamentos : entre gravuras, desenhos, colagens, pinturas e livros de artista / Vinicius Dias Oliveira de Almeida. - São Paulo, 2023.

127 f. : il.

Orientador: Profº. Drº. José Paiani Spaniol

Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes

1. Livros ilustrados de artistas. 2. Gravura brasileira. 3. Colagem (Arte). 4. Narrativas pessoais. I. Spaniol, José Paiani. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 741.64

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

VINICIUS DIAS OLIVEIRA DE ALMEIDA

DESLOCAMENTOS:
entre gravuras, desenhos, colagens, pinturas e livros de artista.

Dissertação apresentada à universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” para conclusão do Mestrado em Artes.

Dissertação aprovada em 17 de março de 2023

BANCA EXAMINADORA

_____

Profº. Drº. José Paiani Spaniol - Orientador.

_____

Profª. Drª. Luise Weiss - IA/Unicamp.

_____

Profº. Drº. Marco Francesco Buti - ECA/USP.

Agradecimentos:

à minha mãe, Janete Dias, pelo acolhimento e suporte que me possibilitaram estudar e me dedicar às artes;
à Ludmila Porto, por ser uma grande amiga, forte e corajosa, com quem consigo me conectar e encontrar apoio;
à Lu Martins, por sua generosidade ao acolher e valorizar as características de cada pessoa e por sua amizade;
à Tulio Costa, a bixa artista colecionadora que me inspira a manter-me em movimento;
à Andrey Koens, pelo olhar analítico e generosidade;
à Glória Maria dos Santos, pela sua gentileza e amor sem igual;
à Vera Cozani, por ser incrível e estar disponível em inúmeros momentos;
à Melissa Witcher, pela amizade e longas conversas espiraladas sobre arte, a vida e alimentos;
à José Spaniol, por aceitar me orientar, pelo seu bom humor, parceria, apoio e acolhimento;
à Luise Weiss, por sua gentileza e delicadeza quanto artista, professora, orientadora e pessoa;
à Marco Buti, pela generosidade nos momentos em que conversamos sobre arte e gravura;
e as demais pessoas que não citei nominalmente, mas estiveram presentes na minha vida, sejam as/os amigas/os, professores, orientadores, colegas de trabalho, alunos, parceiros e amantes (transitórios), pois contribuíram para minha formação enquanto indivíduo, artista e professor.

RESUMO

Esta pesquisa consiste na organização de trabalhos realizados entre os anos de 2020 e 2022, onde investigo as linguagens gravura em relacionadas ao caderno e livro de artista com o intuito de criar (e apresentar) narrativas auto biográficas, descrever ambientes que habito e transito, de espaços domésticos à paisagens da cidade de São Paulo.

As imagens e textos estão correlacionados e se organizam de maneiras diversas: como notas de ateliê; no formato de contos e/ou crônicas; numa cadeia sequencial, espiralados e/ou labirínticos…

Todos os elementos estão organizados como uma grande colagem e fazem parte de um corpo de trabalho maior do que o que está apresentado aqui, pois, consiste em um recorte de um corpo de trabalho que desdobra-se há mais de 10 anos e continuará a caminhar.

Palavras-Chave: Gravura; Livro de Artista; Colagem; Pintura; Desenho; Paisagem; Memória.

ABSTRACT

This research consists of the organization of works realized between 2020 and 2022, where I investigate the languages of printmaking as related to the notebook and artist book, with the aim of creating (and presenting) auto biographical narratives and describing the environments that I inhabit and transit, from domestic spaces to the landscapes of São Paulo.
The images and texts are interrelated and organized in different ways: as notes from the atelier; in the form of short stories; in a sequential chain, spiraling and/or labyrinthine.
All the elements are organized like a large collage and are part of a much larger body of work than what is presented here. This research is in essence an excerpt from a body of work that has developed over 10 years and continues to evolve.

Keywords: Printmaking; Artist Book; Collage; Painting; Design; Landscape; Memory.

ENTRE GRAVURAS, LIVROS e CADERNOS

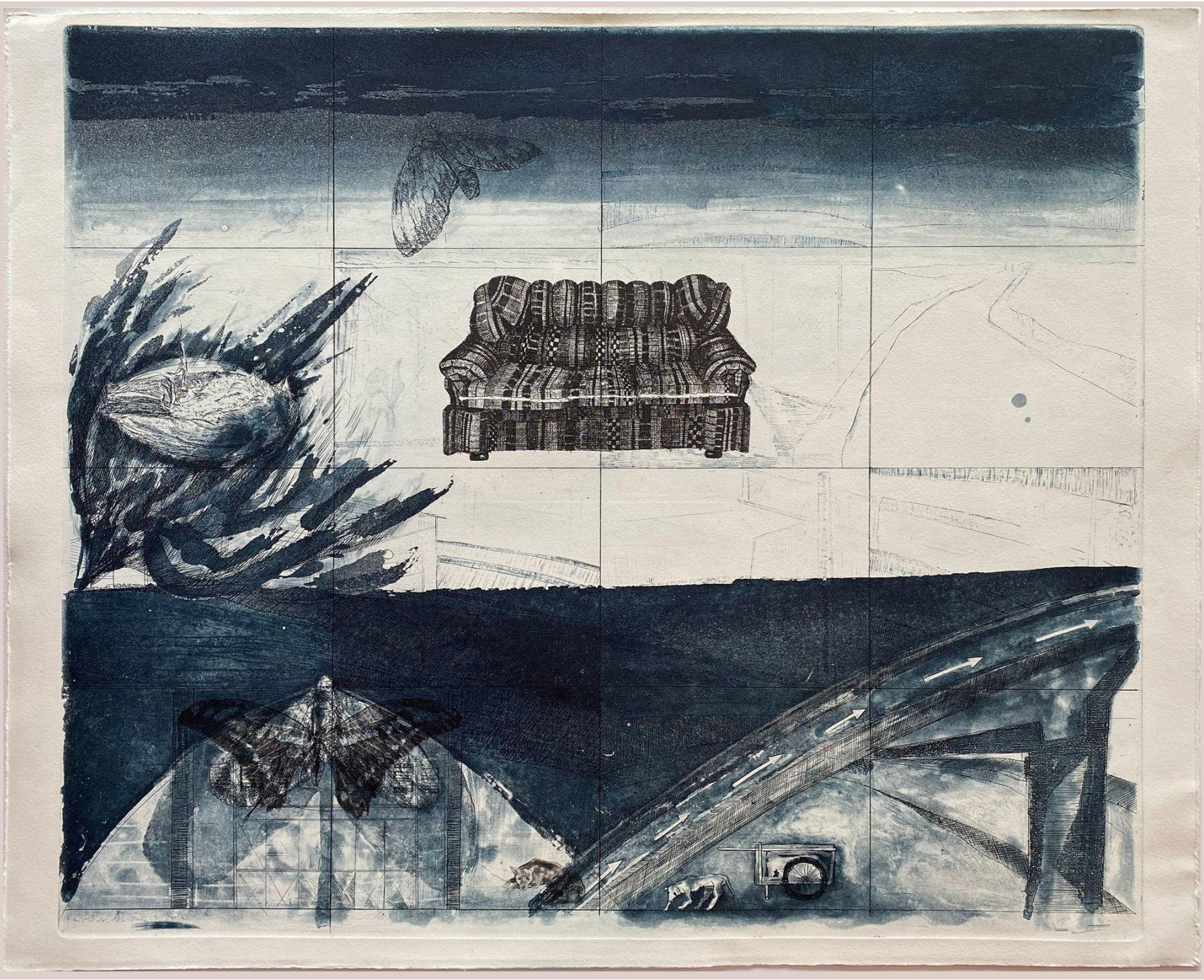
“Não posso tornar precisa minha percepção de uma coisa sem desenhá-la, e não posso desenhar essa coisa sem atenção. Descubro que não conheço o que conhecia: o nariz de minha melhor amiga”. (Paul Valery - Degas dança desenho)

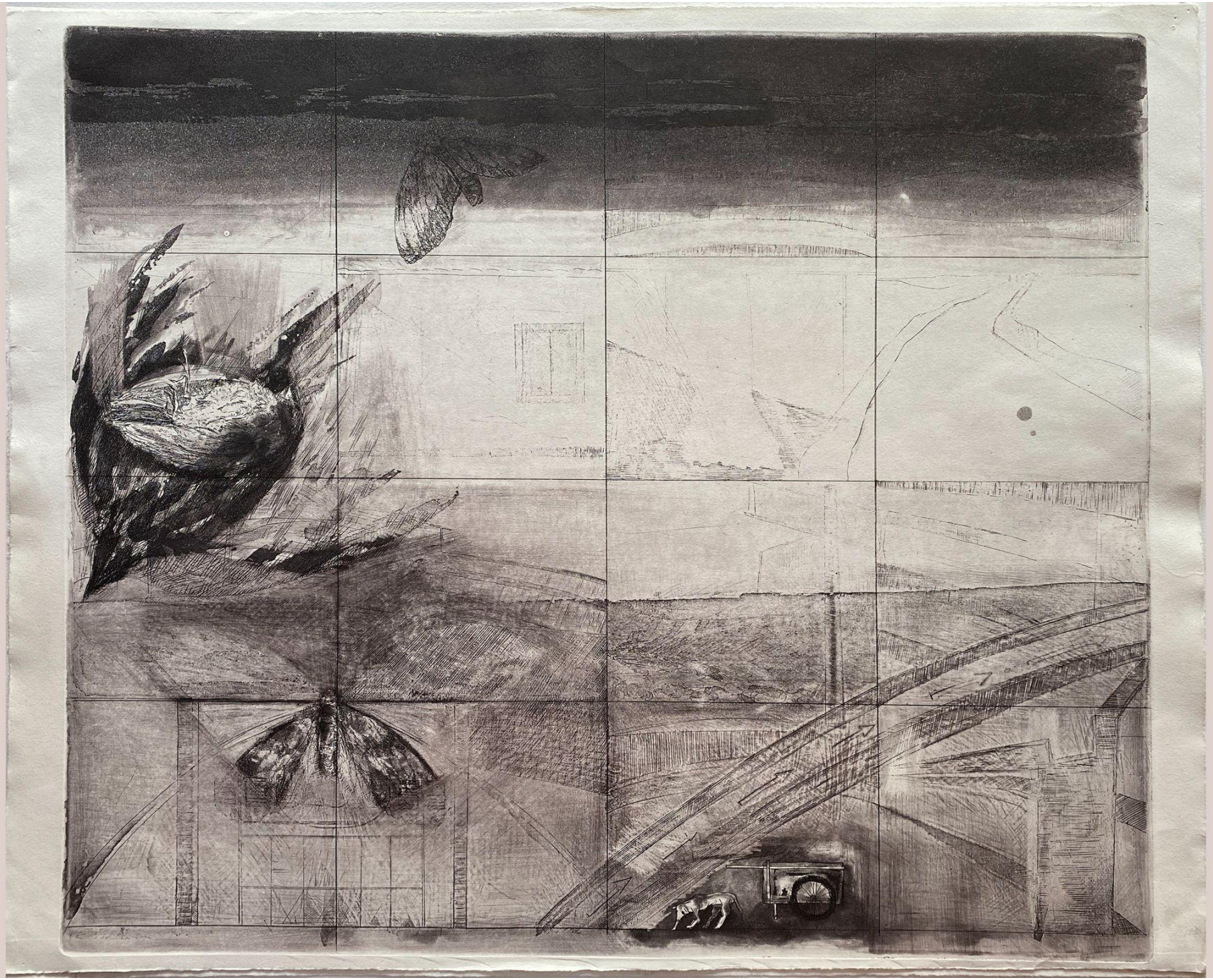
“O tempo é como um círculo que gira continuamente. O arco que desce é o passado. O ascendente é o futuro. Tudo foi dito, a menos que as palavras mudem de sentido e os sentidos de palavras. Não é evidente que alguém, que habitualmente vive, num estado de sofrimento, exija um outro tipo de religião daquele de uma pessoa habituada a um estado de bem estar? Antes de nós, nada existia aqui. Nem ninguém. Estamos totalmente sós. Aqui somos únicos, assustadoramente únicos. O significado das palavras, e expressões, já não são perceptíveis. Uma palavra isolada, ou o detalhe de um desenho, podem ser compreendidos. Mas o significado do todo escapa-se de nós.[1]”

[1] (durante a pesquisa, perdi a notação de referência desta citação e infelizmente não localizei a fonte. Entretanto, considero esta passagem de texto relevante, por isso optei por mantê-la mesmo sem os devidos créditos, mas, sinalizando que, como em uma conversa informal, ou conto de Griot, o conhecimento e referências merecem ser compartilhados).

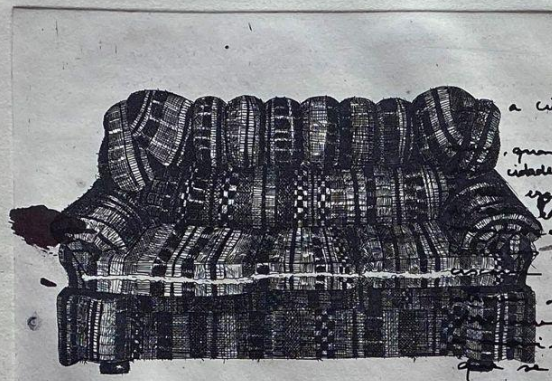
“Passagens, mudanças, memórias, vestígios: deslocamentos”

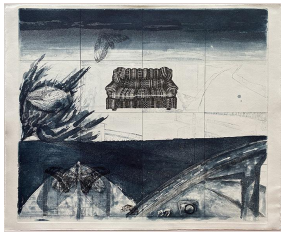
2015 - 2022





Rio Tietê





gravura em metal impressa
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal impressa
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal impressa
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal e pintura
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal e pintura
sobre papel 65 x 56 cm

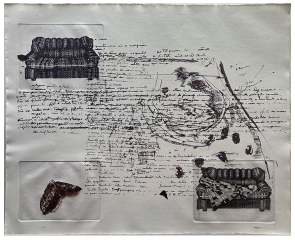
gravura em metal e pintura
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal e serigrafia
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal impressa
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal impressa
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal impressa
sobre papel 65 x 56 cm



gravura em metal e serigrafia
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal e serigrafia
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal e serigrafia
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal e xilogravura
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal e xilogravura
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal e xilogravura
sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal, xilogravura e
pintura sobre papel 65 x 56 cm

gravura em metal, xilogravura e
colagem sobre papel 65 x 56 cm

“Deslocamentos #9”

2010 - 2021

Livro de artista (gravuras em metal, xilogravura, serigrafia, pinturas e colagem sobre papel) 30 x 23 x 0,5 cm (medidas do livro fechado)

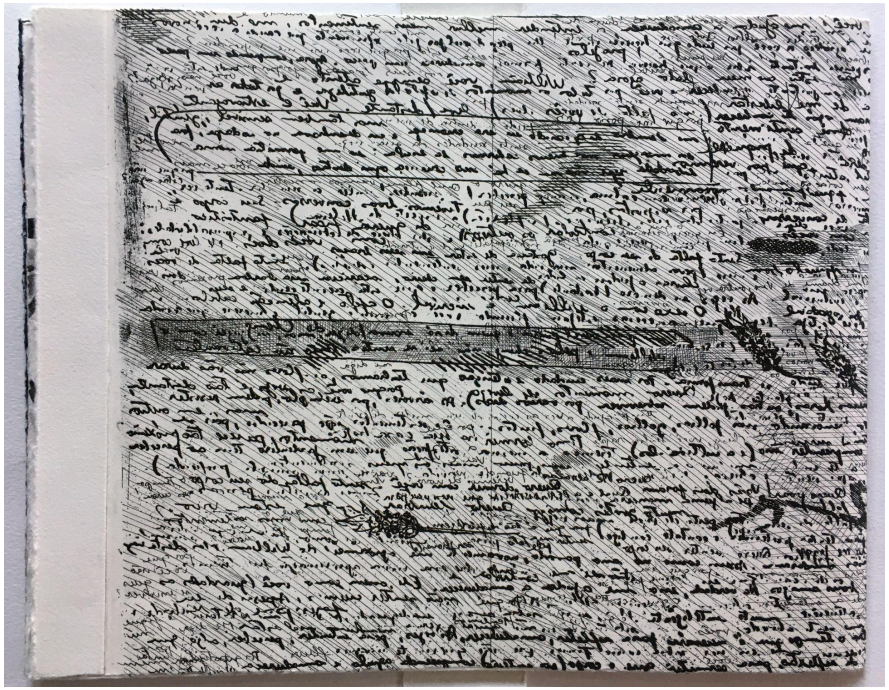
https://www.youtube.com/watch?v=Mc1ahC7rdPY

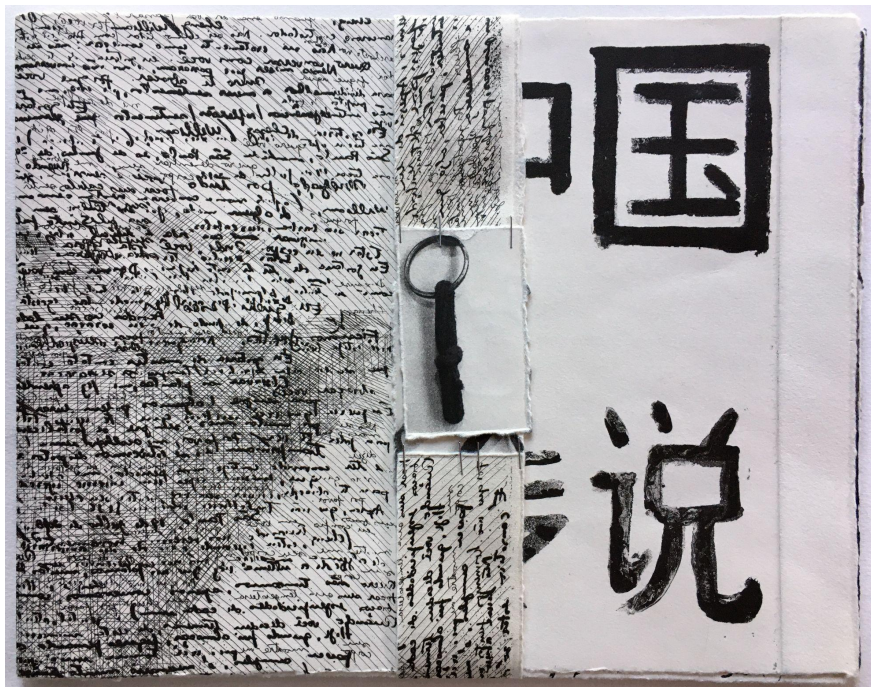
“Deslocamentos #2”

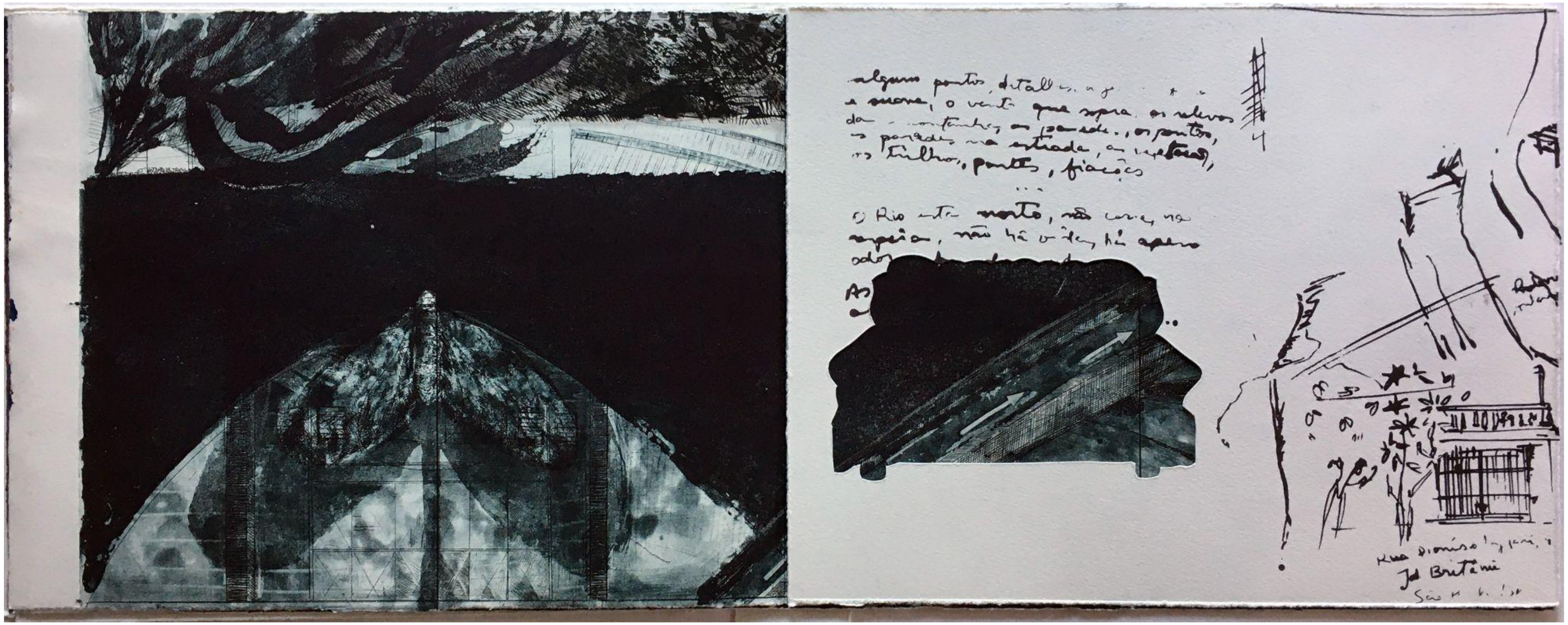
2010 - 2020

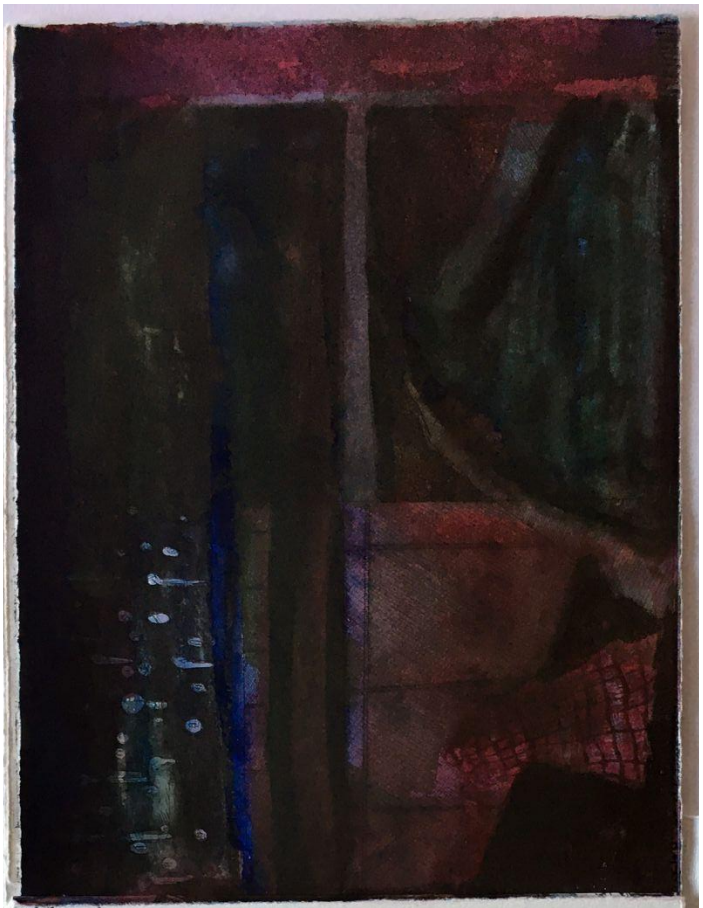
Livro de artista (gravuras em metal, xilogravura, serigrafia, pinturas e colagem sobre papel) 34 x 26 x 0,5 cm (medidas do livro fechado)

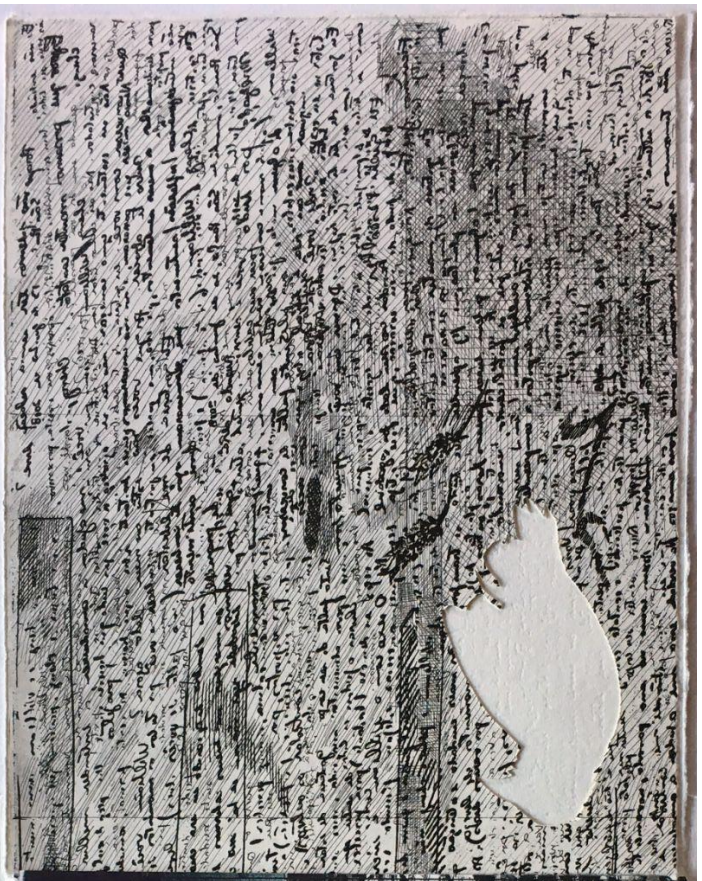
https://www.youtube.com/watch?v=AikjkAAsSdc&t=2s

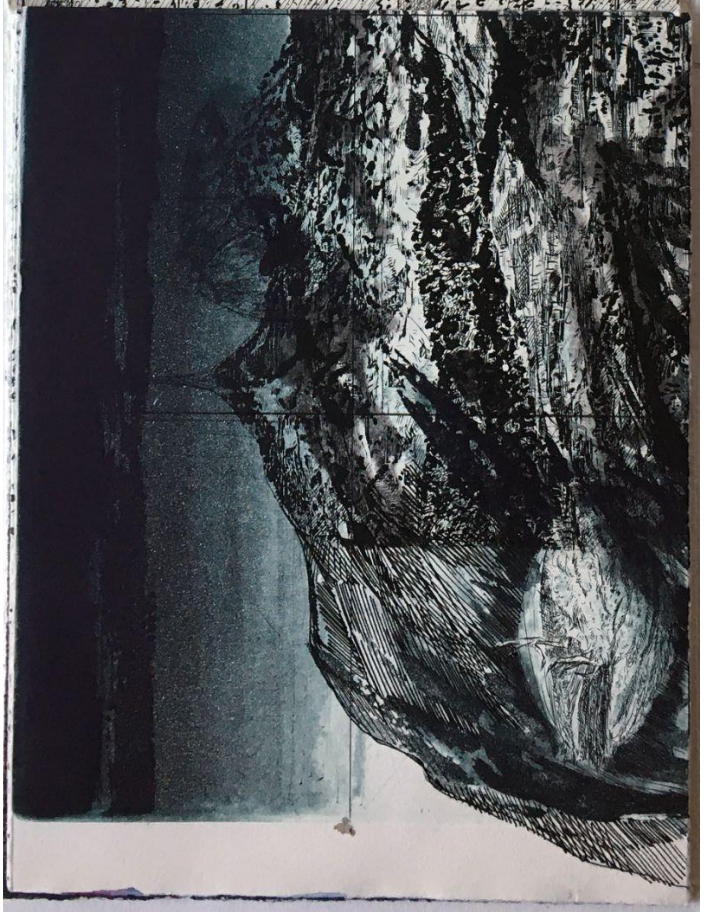



国
说


o vento que sopra, os relevos
os trilhos, pontes, fiações
O Rio está morto, não corre, na
Jd Britânia







“Deslocamentos #4”

2010 - 2020

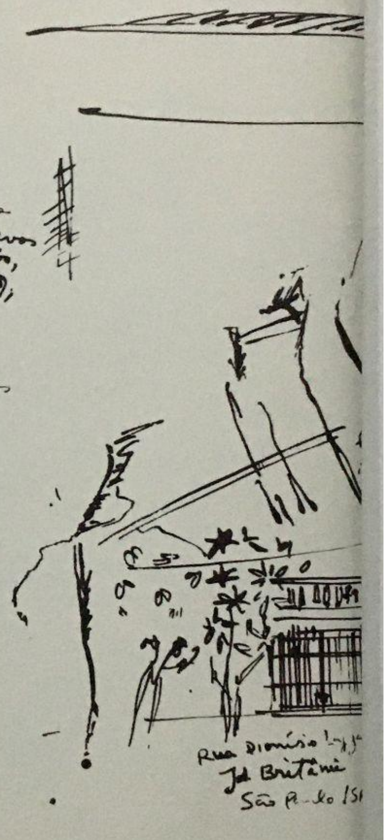
Livro de artista (gravuras em metal, serigrafia, pinturas e colagem sobre papel) 33 x 40 x 0,3 cm (medidas do livro fechado)

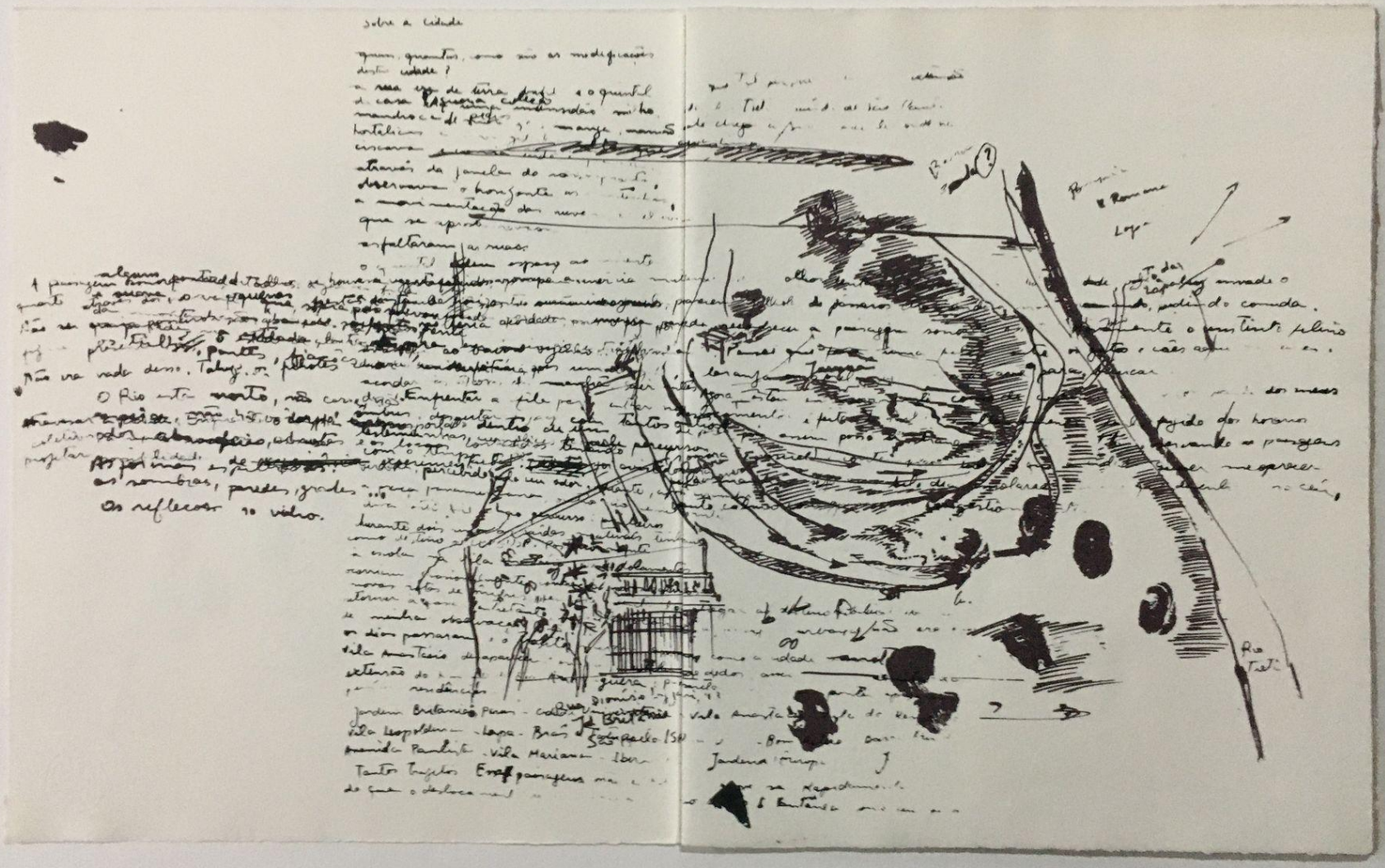
https://www.youtube.com/watch?v=t2cneGqu6_I&t=2s

alguns pontos, detalhes: a garoa fina
a suave, o vento que sopra, os relevos
da montanha, as [illegible], os pontos,
as paredes na estrada, a vegetação,
os trilhos, pontes, fiações
...

O Rio está morto, não corre, não
respira, não há vida, há apenas
odor, abandono, abuso.

As formas espelhadas:
as sombras, paredes, grades ...
os reflexos no vidro.





Sobre a cidade

quem, quantos, como são as modificações
desta cidade?

a rua era de terra [illegible] e o quintal
da casa [illegible] mandrocê [illegible]
hortaliças [illegible] manga, manhã [illegible]
ciscava [illegible]
através da janela do [illegible]
observava o horizonte [illegible]
a movimentação das nuvens [illegible]
que se aprestavam [illegible]
asfaltaram as ruas.

[illegible]

A paisagem [illegible]
[illegible]
Não vê nada disso. Talvez [illegible]

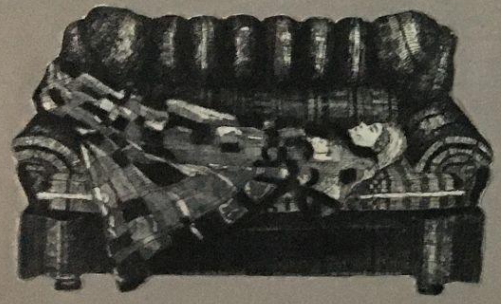
O Rio está morto, não corre [illegible]
[illegible]
As formas, paredes, grades [illegible]
Os reflexos no vidro.

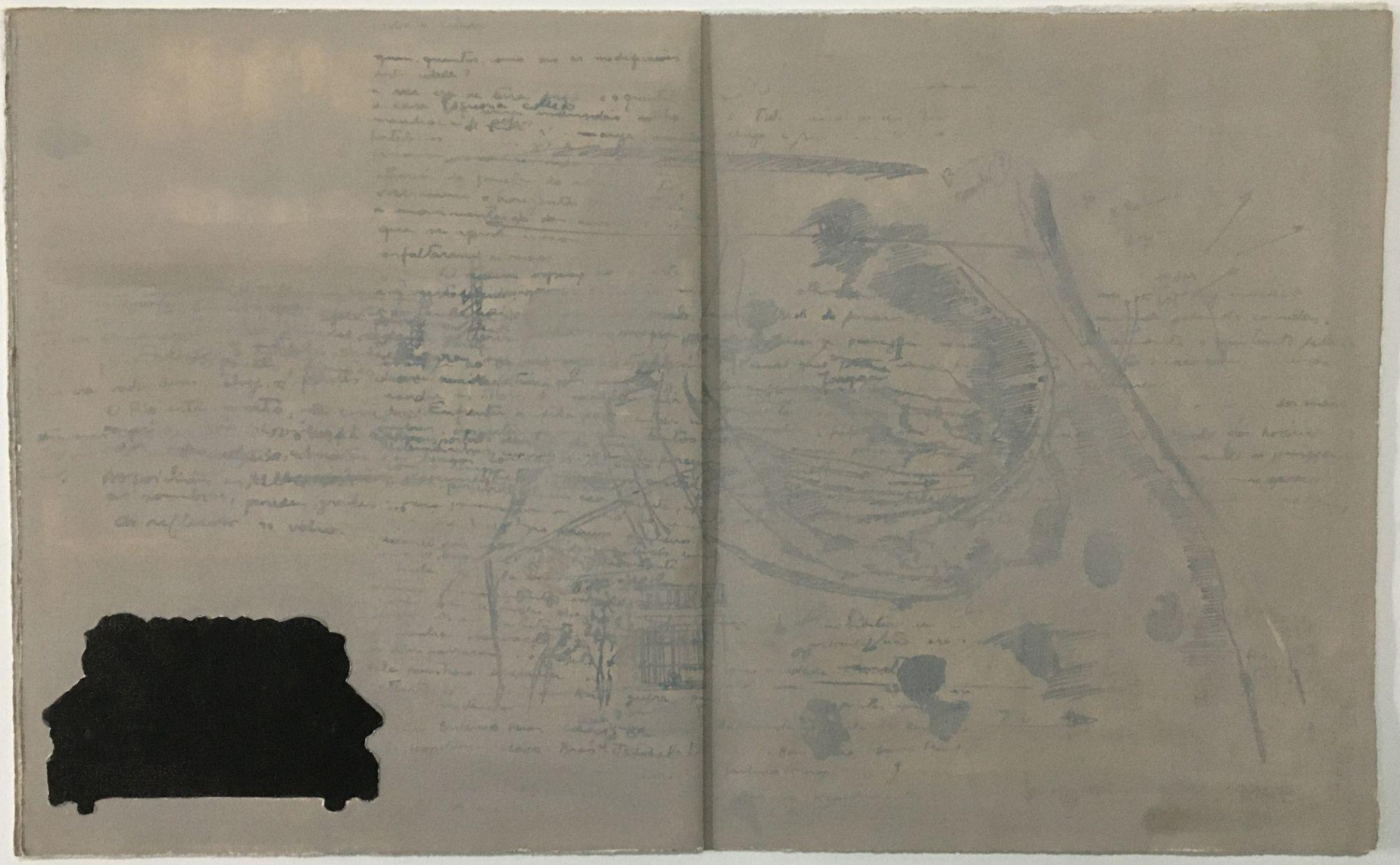
[illegible]

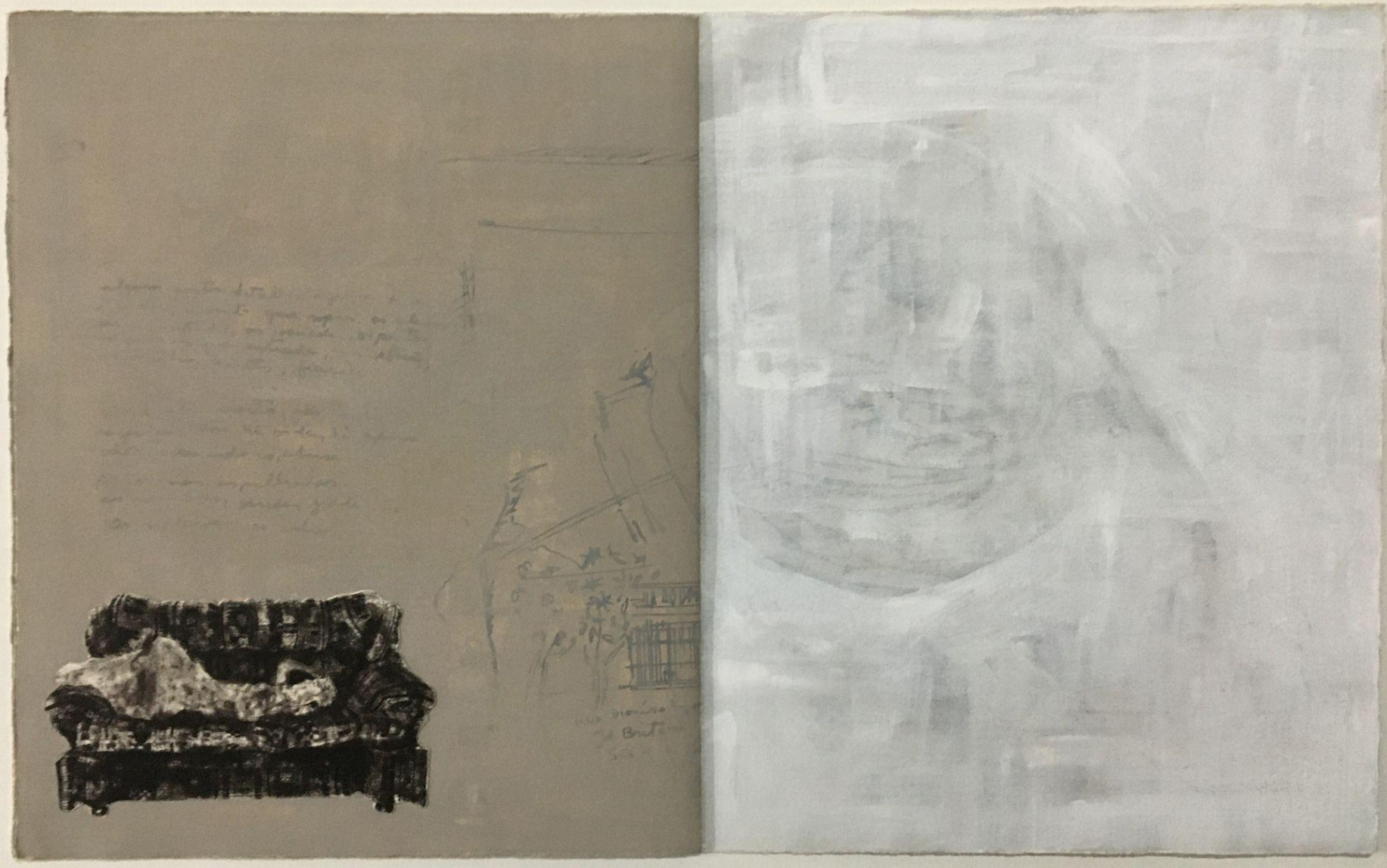
Jardim Britânia [illegible] - Vila Leopoldina - Lapa - Brás [illegible]
Avenida Paulista - Vila Mariana - [illegible]
Tantos trajetos [illegible] paisagens [illegible]
do que o deslocamento [illegible]

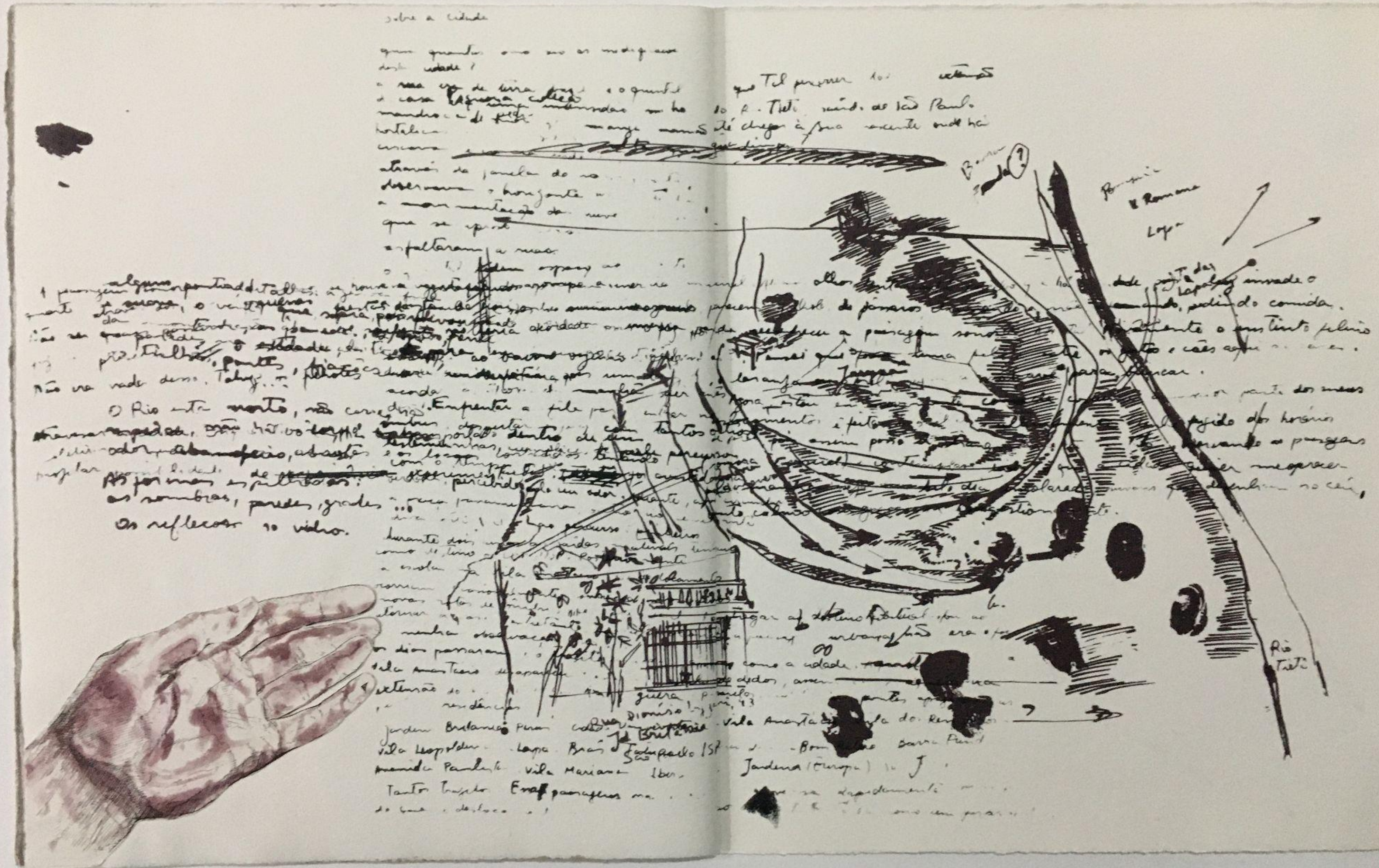
[illegible]

Rio Tietê







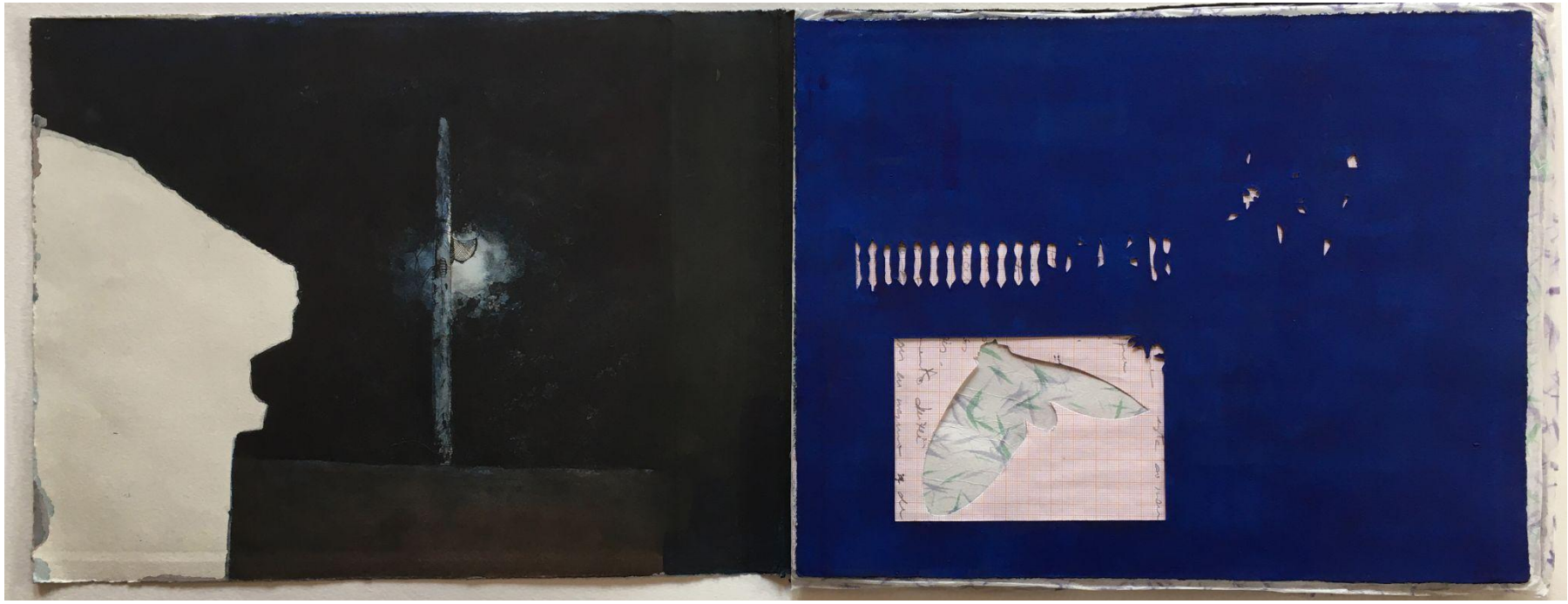

sobre a cidade
O Rio está morto,
as sombras, paredes, grades
os reflexos no vidro.
Lapa
Rio Tietê

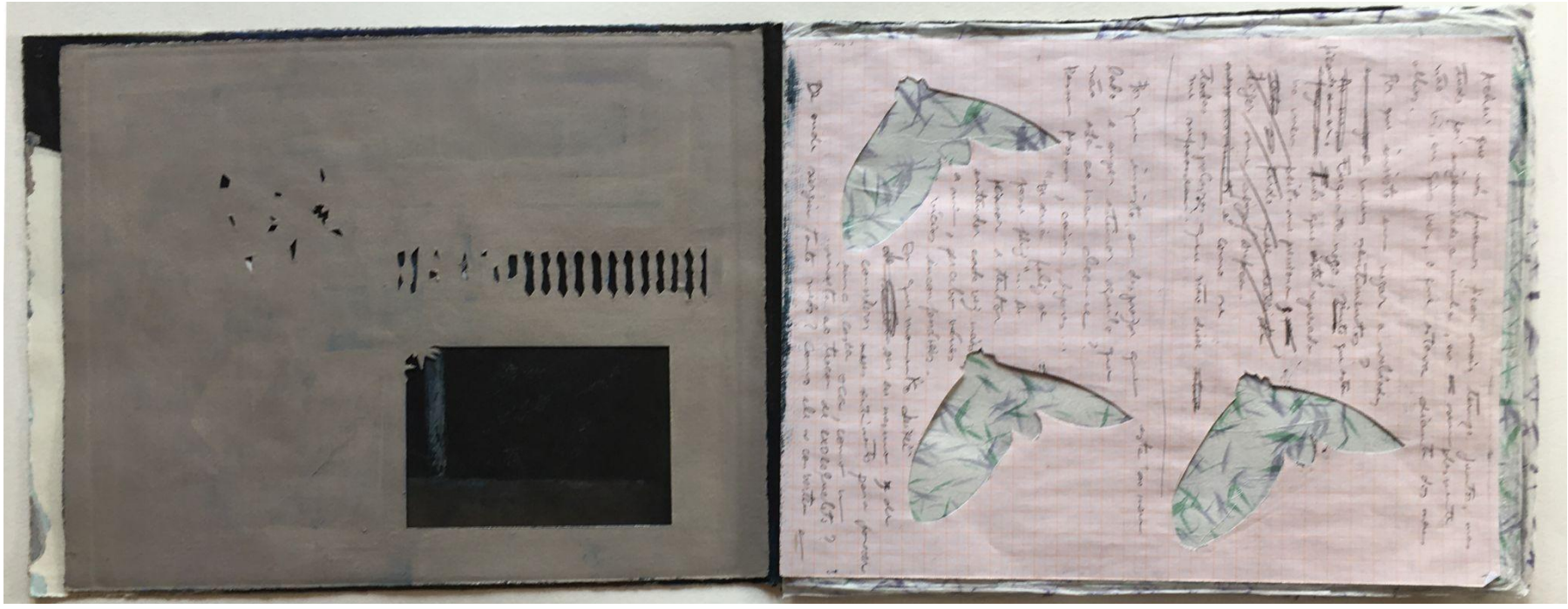
“Deslocamentos #3”

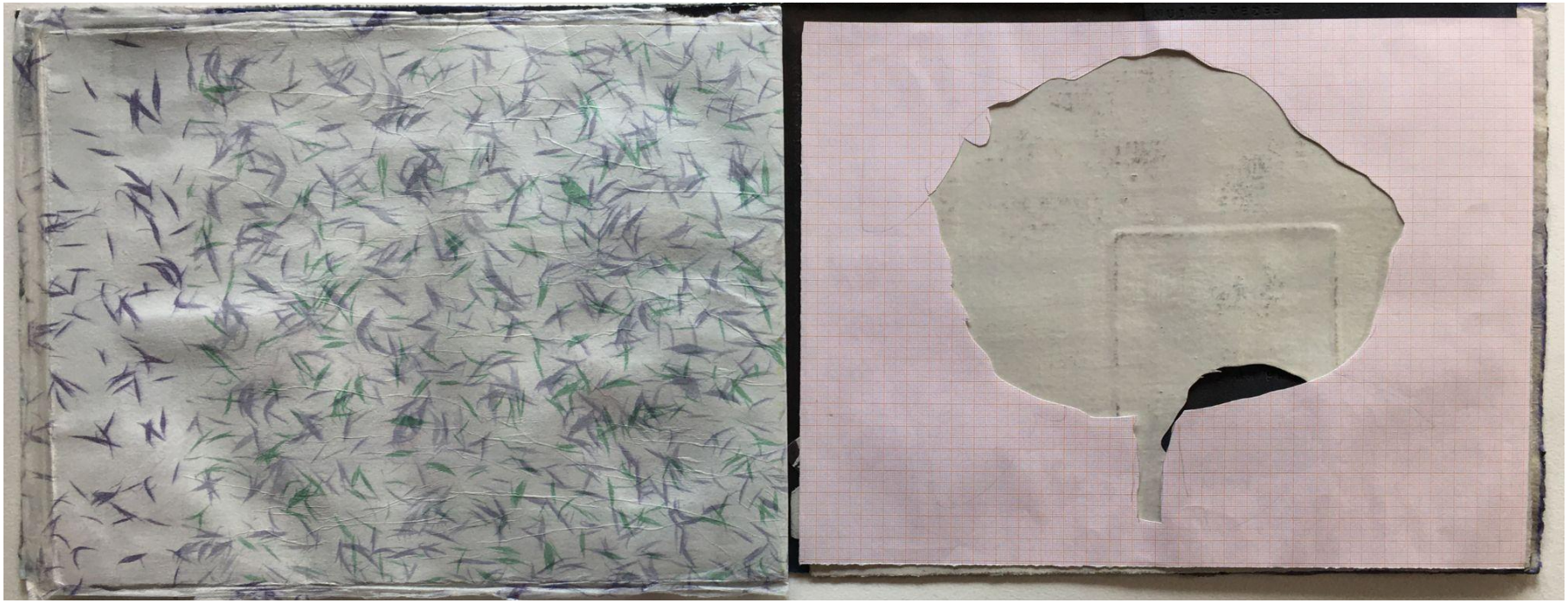
2010 - 2020

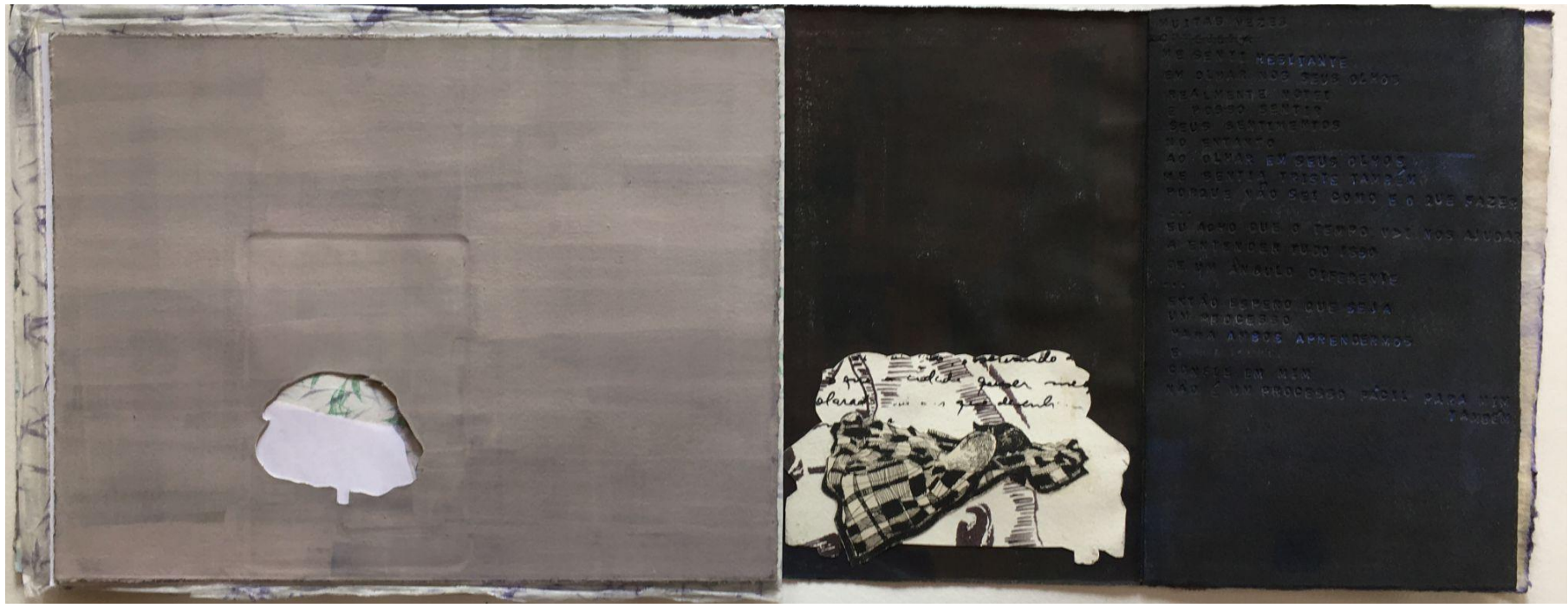
Livro de artista (gravuras em metal, xilogravura, serigrafia, pinturas e colagem sobre papel) 35 x 26 x 0,6 cm (medidas do livro fechado)

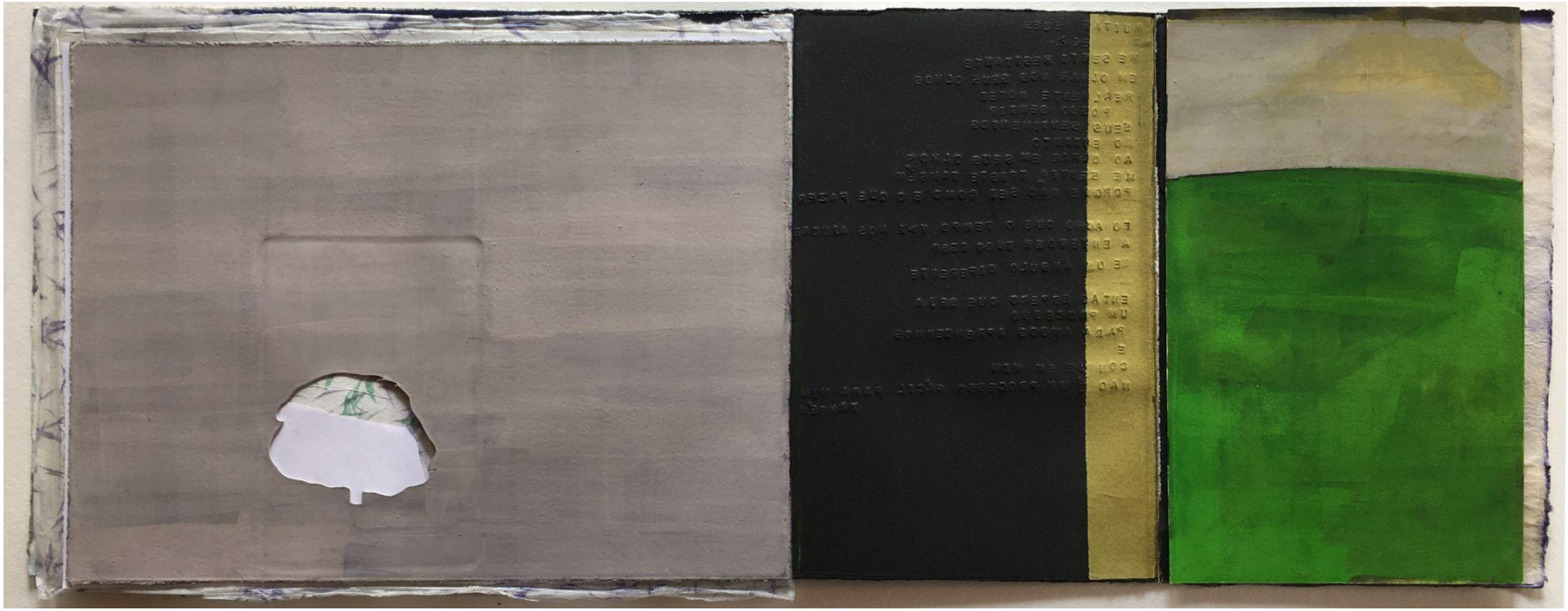
https://www.youtube.com/watch?v=nR5AqgTnP18

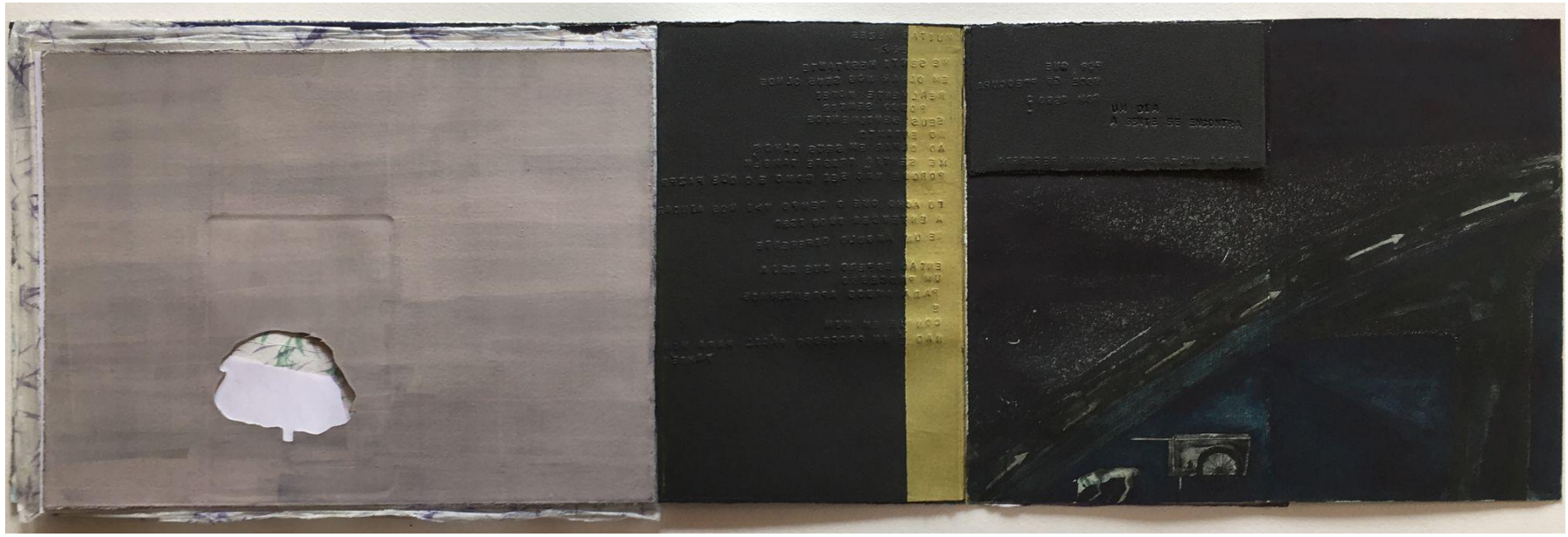


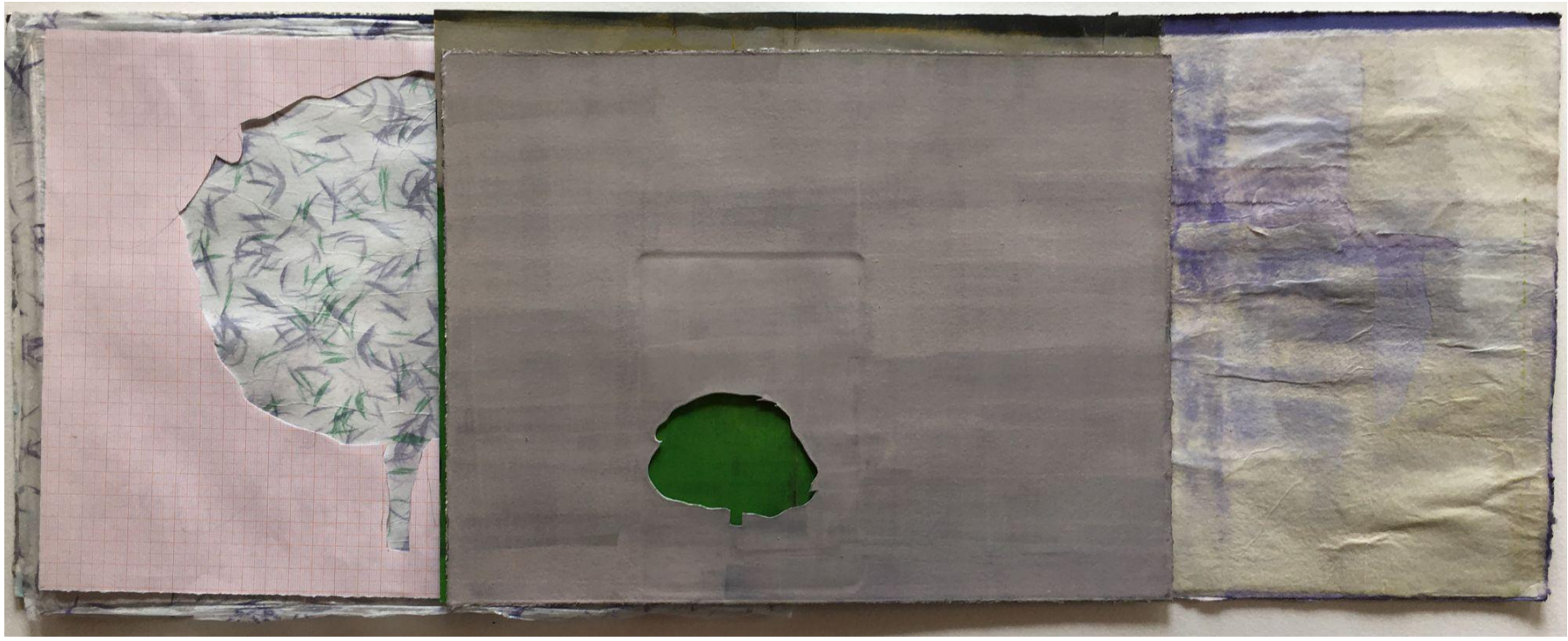





MUITAS VEZES
ME SENTI HESITANTE
EM OLHAR NOS SEUS OLHOS
REALMENTE NOTEI
O QUE SENTIA
SEUS SENTIMENTOS
NO ENTANTO
AO OLHAR EM SEUS OLHOS
ME SENTIA TRISTE TAMBÉM
PORQUE NÃO SEI COMO E O QUE FAZER
EU ACHO QUE O TEMPO VAI NOS AJUDAR
A ENTENDER TUDO ISSO
DE UM ÂNGULO DIFERENTE
ENTÃO ESPERO QUE SEJA
UM PROCESSO
PARA AMBOS APRENDERMOS
CONFIO EM MIM
NÃO É UM PROCESSO FÁCIL PARA MIM
TAMBÉM





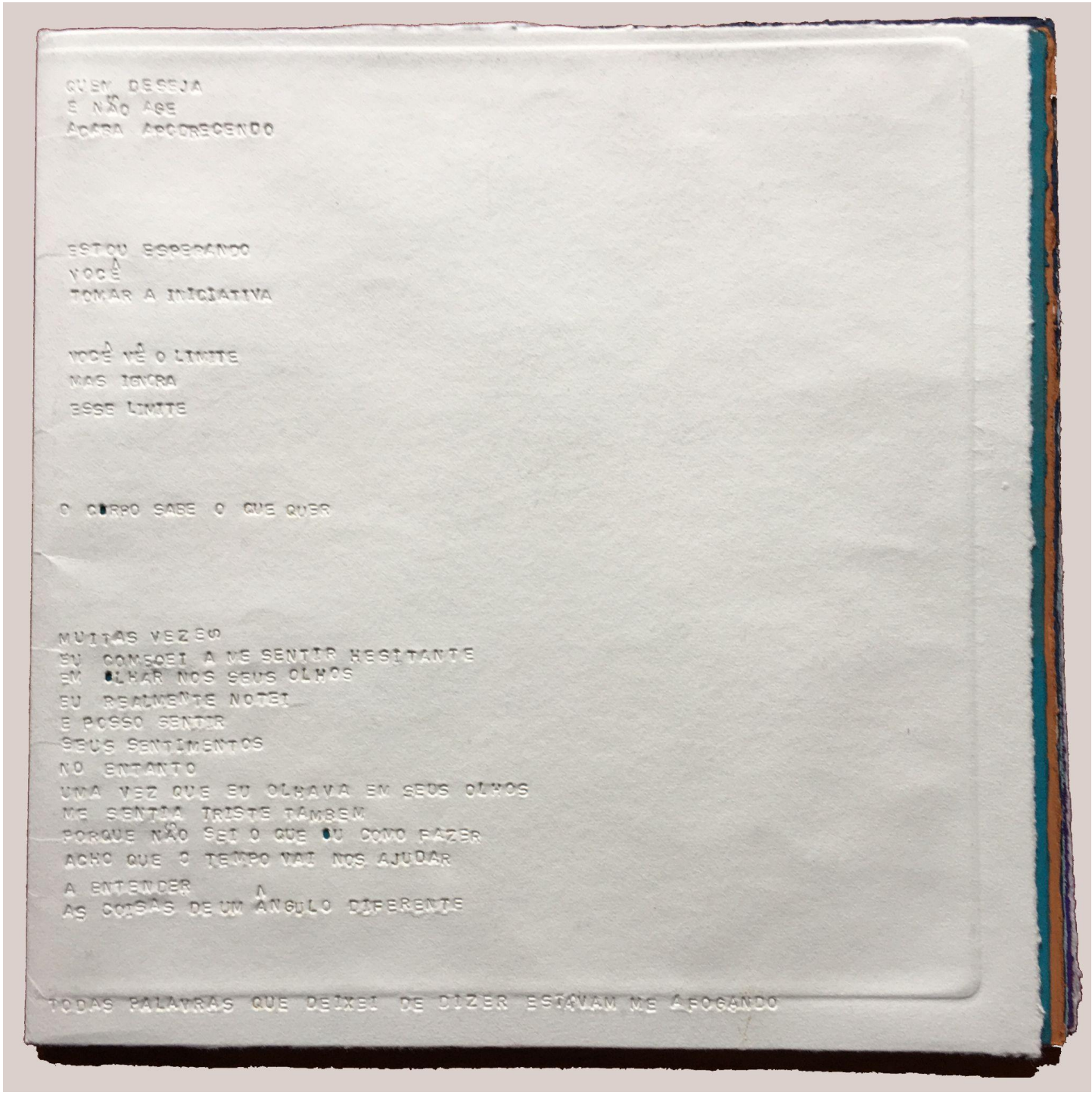


“ContraLuz”

2010 - 2021

Livro de artista (pinturas, recortes, gravuras em metal e texto comferramenta de pulsão sobre papel) 32 x 32 x 0,5 cm (medidas do livro fechado)

https://www.youtube.com/watch?v=vy-rpk8wXZc



QUEM DESEJA
E NÃO AGE
AGORA APODRECENDO

ESTOU ESPERANDO
VOCÊ
TOMAR A INICIATIVA

VOCÊ VÊ O LIMITE
MAS IGNORA
ESSE LIMITE

O CORPO SABE O QUE QUER

MUITAS VEZES
EU CONSEGUI A ME SENTIR HESITANTE
EM OLHAR NOS SEUS OLHOS
EU REALMENTE NOTEI
E POSSO SENTIR
SEUS SENTIMENTOS
NO ENTANTO
UMA VEZ QUE EU OLHAVA EM SEUS OLHOS
ME SENTIA TRISTE TAMBEM
PORQUE NÃO SEI O QUE EU COMO FAZER
ACHO QUE O TEMPO VAI NOS AJUDAR
A ENTENDER
AS COISAS DE UM ÂNGULO DIFERENTE

TODAS PALAVRAS QUE DEIXEI DE DIZER ESTAVAM ME AFOGANDO

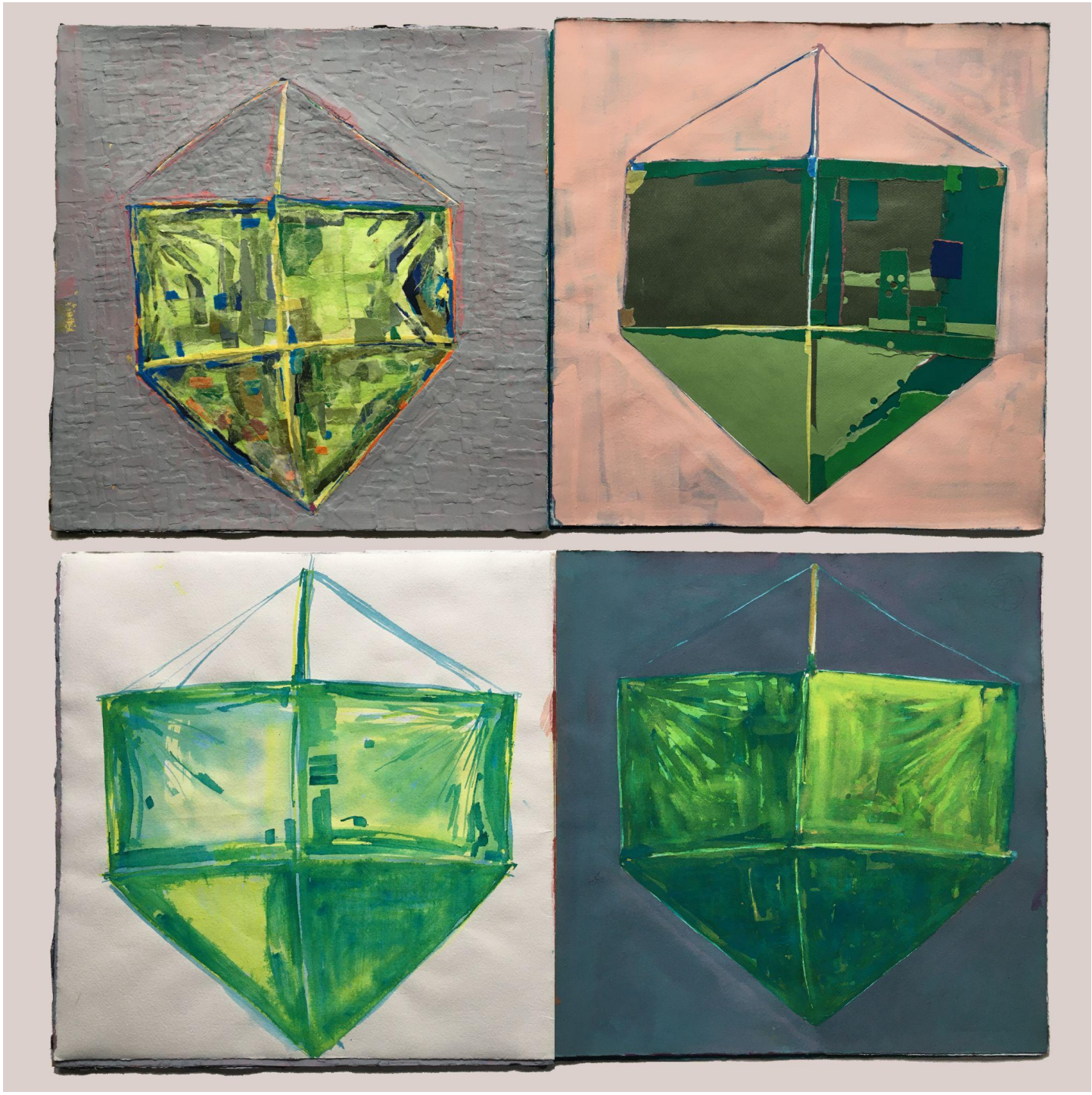
“Verde(Luz)”

2021

Livro de artista (pinturas, recortes, colagens e desenho sobre papel)

40 x 40 x 0,5 cm (medidas do livro fechado)

https://www.youtube.com/watch?v=7Gvbx1a0V34&t=4s



“as grandezas do ínfimo”

2021

Livro de artista (livro alterado à partir de "Tratado geral das grandezas do ínfimo", de Manoel de Barros: Pintura, recortes e colagem) 12,5 x 17 x 1,0 cm (medidas do livro fechado)

https://www.youtube.com/watch?v=jz3hiUk6Na0&t=5s

grandezas
do ínfimo

“o guardador de águas”

2021-2022

Livro de artista (livro alterado à partir de "O guardador de águas", de Manoel de Barros: pintura, recortes e colagem) 12,5 x 17 x 1,0 cm (medidas do livro fechado)

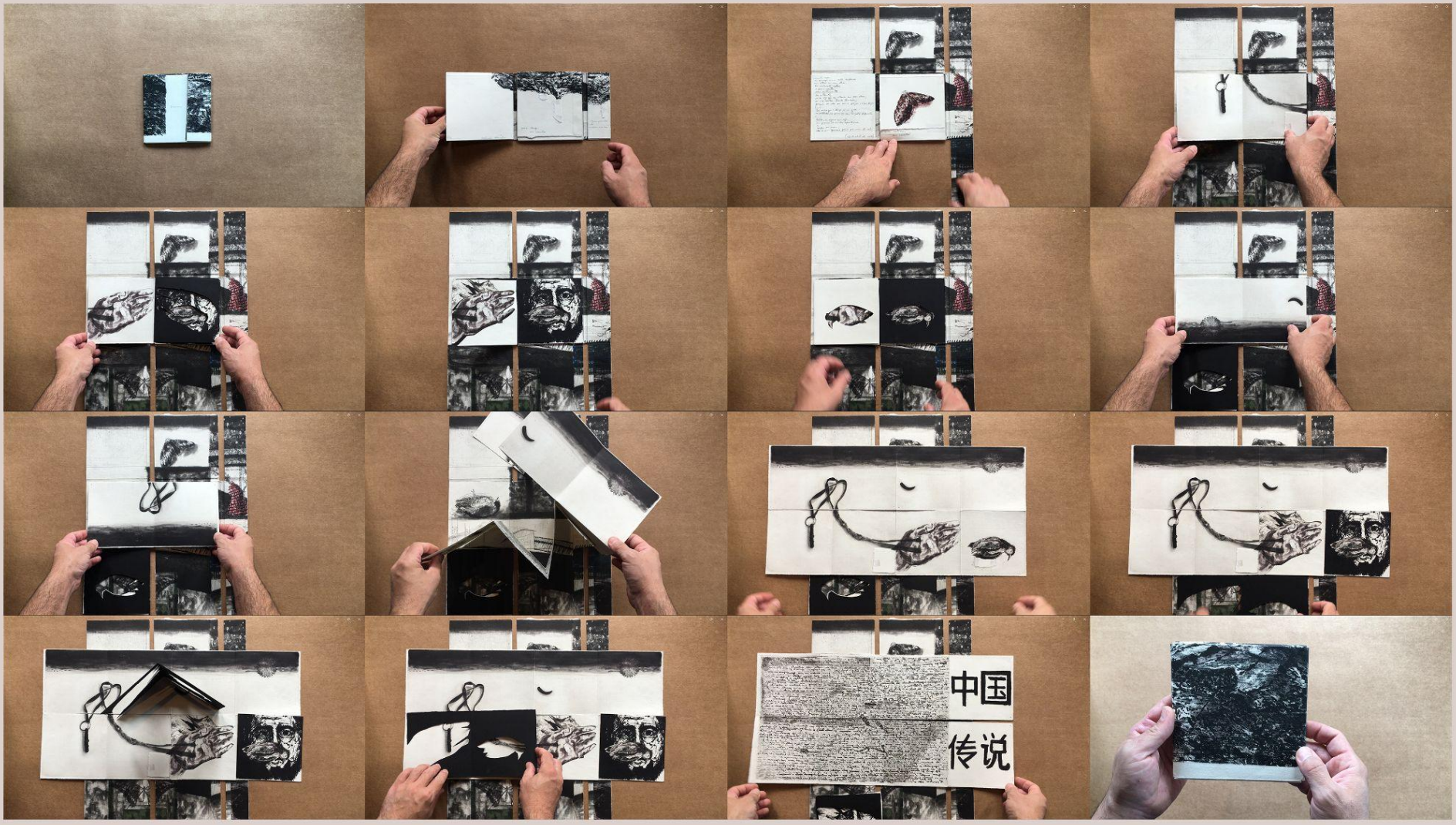
https://www.youtube.com/watch?v=BkGt2_30gMM&t=1s

“descanse: deixe a água fluir”

2015-2020

Livro de artista (gravura em metal, serigrafia, xilogravura, recortes e colagens sobre papel)

15 x 15 x 1 cm (medidas do livro fechado)


中国
传说

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	pg. 81
2	UM CONTADOR DE HISTÓRIAS: IMAGENS COMO CRÔNICAS DA PAISAGEM	pg. 82
3	PÍLULAS: NOTAS DURANTE O TRABALHO NO ATELIÊ	pg. 90
4	PROCESSOS E PROCEDIMENTOS ARTÍSTICOS: ENTRE GRAVURAS, COLAGENS, PINTURAS E LIVROS DE ARTISTA, O FAZER COMO PESQUISA POÉTICA	pg. 111
5	OUTRAS CONSIDERAÇÕES: PÁGINA EM BRANCO / PARA NÃO CONCLUIR	pg. 114
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	pg. 116
	APÊNDICES	pg. 118

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado em artes que desenvolvi entre os anos de 2020 e 2022. Optei por organizá-lo como uma grande colagem de ideias e referências, composto por imagens e anotações, como em um caderno ou diário de artista, atendendo a função de registrar (algumas) referências presentes durante a pesquisa e produção plástica no ateliê, de forma interligada (e complementar) à produção plástica/visual.

Os textos aparecem de inúmeras formas, ora como notas de ateliê, ora numa cadeia mais sequencial, ora de modo espiralado e labiríntico… Em ambos os casos, a construção do pensamento é similar à que ocorre no processo de trabalho e criação no ateliê: há períodos de indecisão e trabalho prolongado, há períodos de observação, há momentos de arremate ágil e intuitivo…

As linguagens que utilizo como meio expressivos são gravura em metal, xilogravura, serigrafia, litografia, desenho, colagem, pintura e livro de artista. As imagens podem ser apresentadas isoladas, em painéis modulares e/ou no formato livro (caderno) onde há uma narrativa e sequência de fruição sugerida. Digo, sugerida, pois na maioria dos casos os livros não são costurados, de modo que é possível reorganizar as páginas e propor novas combinações, relações e narrativas entre os elementos ali presentes.

Os textos e imagens aqui presentes são uma pequena documentação do corpo de trabalho e pesquisa que desenvolvi. Por tanto, é essencial ressaltar que: o trabalho se revela quando visto presencialmente e manuseado, pois, nesse contato direto é possível experienciar a fatura das camadas de tinta, a vibração das cores, os diferentes formatos de páginas, papéis, técnicas e processos de impressão (gravura em metal, xilogravura, serigrafia, monotipia).

Por fim, mesmo com suas limitações, essa dissertação assume o papel de documentar e viabilizar o acesso aos resultados da pesquisa, mostrando alguns registros fotográficos das obras, seja disponibilizando links de acesso à vídeos onde é possível ver os livros/cadernos sendo manuseados. No mais, pensar e/ou tentar fazer “facsimile” dos livros e cadernos não cabe neste momento, pois isso consistiria em outra pesquisa.

UM CONTADOR DE HISTÓRIAS: IMAGEM COMO CRÔNICA DA PAISAGEM

O bosque é uma soma de possíveis atos nossos, que, realizados, perderiam seu valor genuíno. O que do bosque se coloca perante nós de maneira imediata é só pretexto para que o demais fique oculto e distante. (...) só quando nos damos perfeita conta de que a paisagem visível está ocultando outras paisagens invisíveis, é que nos sentimos dentro de um bosque (Ortega y Gasset - Meditações do Quixote)

(Observação do entorno)

Tudo parte da observação, de estar atento e permeável para ver ou aprender a ver.

Começando pelo ambiente doméstico, estendendo aos arredores da casa e avançando pela rua. É uma relação de descoberta de novos espaços, detalhes, relações e sensações …

Ao contemplar, há a possibilidade de interpretar e ressignificar aquilo que está posto: diante ou dentro de nós. É um processo de criação e movimentação constante.

Também é um ato de catalogação, mapeamento e anotação. É a construção de um inventário, um caderno, diário, livro de anotações, onde as informações e conteúdos são reunidos e posteriormente acessados, possibilitando a rememoração, o reencontro e a ressignificação do que foi posto e do que está por vir.

Realizar esse trabalho, é ter contato direto com a materialidade: desenhar, gravar, cortar, imprimir, rasgar, colar, pintar, escrever.

A ação manual, sobretudo o ato físico, é um valor e uma necessidade: vejo com as mãos, toco com os olhos.

O texto é elemento gráfico,

tem textura,

relevo,

ritmo:

é IMAGEM!

A paisagem e os objetos contam histórias, sinalizam estruturas, estabelecem narrativas… dão o tom dessa narrativa.

Há camadas e mais camadas de informação.

A informação é posta e retirada, é alterada a cada momento: ressignificada, reconstruída, retomada…

Cada elemento tem seu papel… como uma constelação, onde o conjunto tem força, conta histórias, indica caminhos, possibilidades de leitura e imaginação.

Contudo, cada elemento também tem autonomia, força, aparece em sua completude e, reordenado, ocupando outra posição, ressignifica todo contexto. Como a organização das letras em uma palavra, em um poema…ou a sequência de notas musicais: Cada elemento tem seu papel e a adição ou supressão reverbera no conjunto.

Tudo isso tem a ver com sutilezas, detalhes, atenção, afeto…

É pensar em combinações e recombinações.

Alterar o espaço. Parar o tempo. Contar histórias. Lembrar. Inventar. Reviver... Criar um mundo de imagens empíricas e oníricas, que estão intimamente entrelaçadas.

Da memória, o que guardamos? Como lembramos e o que contamos?

Ao pegar, ao ver um livro, entro em outro universo. É um corpo! É como entrar na casa ou corpo de alguém! Fazer uma viagem, um trajeto, atravessar a rua, entrar ou sair de uma relação…

Em todo o espaço há infinitas camadas de contato e apreensão. À medida que avançamos, descobrimos coisas novas… nos modificamos e modificamos tudo aquilo que nos aproximamos, tocamos e interagimos. “É como associar uma matriz de cobre, para gravura em metal, a um terreno. É possível cultivar diversos tipos de vegetais, construir uma casa, um prédio, demolir, retirar tudo e recomeçar. Entretanto, o que foi feito e cultivado ali anteriormente, modificou as propriedades do solo. O mesmo acontece com a matriz após sucessivas gravações, regravações e alterações”[2].

Estou falando sobre profundidade, transição, memória, apagamento, movimento, exterior e interior. Estou falando sobre resíduo. Esse resíduo, como pontuou Carlos Drummond de Andrade, seria o seguinte:

[2] (fala atribuída a Evandro Carlos Jardim).

“De tudo ficou um pouco
(...)
Ficou um pouco de luz
captada no chapéu.
de ternura ficou um pouco
(...)
Fica um pouco de teu queixo
no queixo de tua filha.
De teu áspero silêncio
um pouco ficou,
Ficou um pouco de tudo
no pires de porcelana,
ficou um pouco
de ruga na vossa testa,
Se de tudo fica um pouco,
mas por que não ficaria
um pouco de mim?
um pouco de mim algures?
Um pouco fica oscilando
(...)
De tudo ficou um pouco:
de mim; de ti;
fica sempre um pouco de tudo.”

(outubro de 2020 - maio de 2022)

“A mesma história nunca é a mesma”
(Luiz Zerbini)

As imagens presentes neste trabalho começaram a ser feitas em 2010 e foram retrabalhadas ao longo desses 12 anos.
Representações de objetos, espaços e ambientes da casa que habito e dos arredores dela, assim como das paisagens e elementos vistos durante os inúmeros deslocamentos cotidianos pela cidade…
Em 2008, quando tive os primeiros contatos com gravura, gravei a primeira matriz de cobre que representava minha mãe dormindo no sofá da sala: cena recorrente até hoje. Nos breves momentos em que eu rompia o verniz, tentando ser ágil, pois ela poderia se mexer e/ou acordar, registrei de modo geral a sua posição, o lençol que a cobria e as formas do sofá. Posteriormente, fiz outras versões da “mesma cena”, mas com algumas modificações.
Até meados de 2010 não era sobre o sofá, eram imagens que representavam minha mãe. Entretanto, em função de uma série de comentários e sugestões de pessoas ao redor, comecei a “representar” o sofá (não mais, necessariamente, minha mãe dormindo sobre ele) e suas variações: vazio, com almofadas, com cobertor e gatos, com minha mãe dormindo em diversas posições… Entretanto, a essência inicial permaneceu. *(vide Imagens 01 à 21, no capítulo “Apêndices”)*
Conforme o número de matrizes crescia, comecei a imprimir várias chapas simultaneamente na mesma folha (composições) e, posteriormente, a sobrepor matrizes feitas em momentos distintos, como os sofás e a paisagem para criar novas imagens e obter atmosferas distintas. *(vide Imagens 21 à 24, no capítulo “Apêndices”)*
Ao olhar em perspectiva para o conjunto de imagens e trabalhos, desconfio que os sofás, objetos e ambientes da casa (assim como elementos das paisagens pela cidade), são um pretexto para contar histórias, como um cronista que, atentamente, observa os acontecimentos cotidianos, os ressignifica e narra de forma poética. Representar os sofás, os tamancos, a caneca, o bule, os gatos, a mariposa, um detalhe na porta e etc, são meios para descrever meu cotidiano e demarcar a presença de algumas pessoas (e/ou elementos afetivos) na minha vida.

O sofá como ponto de encontro, descanso, descontração, cuidado…

Os objetos da casa remetem a seus moradores. Os tamancos, canecas e bule de café são objetos presentes no cotidiano utilizados pela minha mãe… em essência, vejo que é como “Escrever poesia, descobrir a verdadeira beleza! Em tudo que vemos, no cotidiano das nossas vidas. Não apenas nas coisas belas.[3]”

> “Ao indivíduo criativo torna-se possível dar forma aos fenômenos, porque ele parte de uma coerência interior que absorve os múltiplos aspectos da realidade externa e interna, os contém e os compreende coerentemente, e os ordena em novas realidades significativas para o indivíduo.[4]”

Caminhar e viagens de ônibus são atos de contemplação, reflexão, formas de filosofar, imaginar, sonhar, criar, observar, aprender e apreender…

A vista que tenho através das janelas dos ônibus é privilegiada, (quase) como se estivesse em um camarote ou teatro: contribui para “dominar” a paisagem.

Observar o cotidiano. Editar os fatos, personagens, ambientes e imagens para criar e/ou contar histórias a partir do que seria apenas uma viagem longa e cansativa entre os bairros de São Paulo, com intuito de me deslocar de casa ao trabalho, de casa à universidade, de casa à casa de amigos, de casa à academia, de casa ao mercado, de casa ao parque e vice e versa e etc, passa a ser um ritual para observar a (mesma) paisagem incontáveis vezes até identificar as mais sutis alterações.

---

[3] (Lee Chang-Dong. Poesia. Coréia do Sul: Distribuidora Imovision, 2010. DVD).

[4] (Fayga Ostrower. Criatividade e processos de criação. 25ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010. p.132).

Nesse ir e vir de ideias, repetidas e espiraladas, o modo que as (des)organizo é semelhante à maneira que trabalho no ateliê. É estar à deriva. Observar a revoada de pássaros ao redor das árvores. Caminhar de casa ao ponto de ônibus. Observar o voo das borboletas durante as caminhadas matinais… pois, me esforço para lembrar que "Um pássaro, um escaravelho, uma borboleta convidam à contemplação fervorosa[5]" para, diariamente aprender a ver.

"Pequena coleção de pedras"

Ao me levantar pela manhã, abro a porta do meu quarto em direção à sala, meus pés e pernas são acariciados pelo gato laranja que reside aqui em casa. Após as noitadas, ele deita sobre o tapete verde em frente à porta do quarto e, antes mesmo d'eu a abrir, o felino sabe o momento exato de se levantar e aguardar sentado, como o predador que espreita, silenciosamente, e ao menor deslize da presa, dá o bote. Ocasionalmente, ao
invés de receber carícias nos pés e pernas, recebo arranhões e mordidas, talvez seja apenas uma maneira de enfatizar o mesmo recado: "Oi! Bom dia, brinque comigo!", ou, "Olhe aqui para baixo. Estou com fome!".

As recepções calorosas também ocorrem quando retorno à noite. Ao atravessar a casa, em direção ao quarto, para guardar minha mochila, tirar os tênis, trocar de roupas e calçar os chinelos, um vulto luminoso, uma labareda, entra antes de mim no quarto assim que abro a menor fresta na porta. Entra correndo, mas para, senta-se sobre o tapete macio, aguardando meus movimentos e esperando a menor distração da minha parte para dominar o recinto. De certo modo seu comportamento é esperado, pois desde que chegou aqui teve toda a liberdade para brincar, correr e pular. Da rua para o quintal. Do quintal para a casa. Do tapete ao sofá. Do chão, à mesa. Do balcão salta para cima da geladeira e depois ao topo do armário da cozinha: de cima, domina a paisagem.

[5] (Claude Lévi-Strauss. De perto e de longe. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p.246).

Em casa, no meio da tarde, através da janela da sala observo a pata de vaca que cresceu imponente e soberana na calçada. Olho às folhas, às flores, a luz do sol que toca e que atravessa por entre as frestas de seu corpo e desenha no chão, no muro, na casa. Após um longo devaneio, vejo algo estranho na copa da árvore: o pequeno tigre cobiça os beija-flores, que, ao menor sinal de distração, serão abocanhados. Isso me lembra duas situações que ocorreram há alguns meses:

27 de janeiro de 2015

...um dos gatos que temos aqui em casa pegou um passarinho em uma das copas das árvores que ficam na calçada. Eu estava no quarto trabalhando, por isso não percebi nada, mas minha mãe estava na sala e viu quando o gato entrou em casa com o passarinho abocanhado. Imediatamente ela disse: "Loiro, mas que coisa feia! Pegou o coitadinho do passarinho. Como se você estivesse passando fome!". Do quarto ouvi tudo. Levantei-me, saí do quarto e fui procurar o gato. Atravessei a casa e fui ao quintal: vi o gato, encolhido num canto debaixo da escada, com o passarinho na boca, rosnando para outro gato. Olhei atentamente e vi que o pássaro ainda se mexia. Aproximei-me do gato, abaixei-me e, com uma das minhas mãos, puxei-o pela nuca, para que soltasse o pássaro sem machucá-lo ainda mais. Foi o que ocorreu. Enquanto eu afastava os gatos, a ave se arrastava pelo chão. Eu a peguei. Segurando-a com minhas duas mãos, trouxe-a para dentro de casa.

Uma perfuração no olho e no lado direito da face. Uma abertura entre a pata e a asa esquerda: como se tivesse sido esfaqueada.

Em outra ocasião, a gata que tínhamos chegou em casa com um rato na boca. Eu estava na sala, sentado no sofá, assistindo televisão. A gata entrou pela janela, ficou parada num canto próximo à janela e soltou o rato, que tentou se esconder debaixo de um móvel que fica encostado entre duas paredes. O rato berrava, gemia, urrava... No início eu não consegui distinguir, pelo som, se era um rato ou um passarinho, pois, como era noite e as lâmpadas da casa estavam apagadas, restando como única fonte de luz a televisão, eu não vi o que era.

Em menos de um minuto de "gritos", o rato atraiu os outros quatro gatos que estavam em casa: agora ele não teria chance alguma de fuga. O minuto que se seguiu foi suficiente para eu acender todas as lâmpadas da sala e para um dos quatro gatos abocanhá-lo e sair pela mesma janela que a fêmea o trouxe.

Um pássaro, um rato, uma barata, uma borboleta, um besouro: brinquedos aos olhos do felino que mantém a jovialidade, seus instintos de caçador e de protetor do território. Enquanto não brinca, enquanto não come, enquanto não dorme, espreita. Observa, fareja, ouve. Sabe quem, onde e como se move. O simples som de uma cadeira no quarto ou dos passos em direção a porta o excitam e, em instantes, está pronto para o bote. Mas, obviamente, como todo bom caçador é também exímio sedutor. Sua penugem reluzente, rajada, como a chama de uma fogueira. Sua longa cauda sinuosa acompanha os movimentos leves, ritmados e precisos de todo corpo. O sedutor observa, estuda, analisa precisamente todos os movimentos da vítima para obter o que quer, seja abocanhar a ave ou receber mimos e alimento de um humano: "Ele me alimenta... eu sou seu dono!".

Talvez não seja meramente um jogo de "gato e rato", mas um cortejo diário. O pássaro, o rato, a barata, a borboleta são mais do que meros desafios aos instintos do caçador e da criança que se diverte, mas são, também, um meio para retribuir ao afeto. Abro a porta da cozinha, pela manhã, e encontro um pássaro, morto, intacto, como se tivesse enfartado enquanto dormia: um presente. Eis aqui, a primeira peça da minha "pequena coleção de pedras".

(Escrito em 2016)

PÍLULAS: NOTAS DURANTE O TRABALHO EM ATELIÊ

No início do segundo semestre de 2020, em uma reunião com meu orientador (José Spaniol), ele perguntou como estava a dissertação do mestrado (escrita sobre a pesquisa e trabalhos), eu disse que estava estacionada. Então, ele sugeriu que eu fizesse pequenas anotações , como em um caderno/bloco de notas, durante o trabalho em ateliê, o que funcionaria como “pílulas” durante a pesquisa. Adiante, seguem algumas dessas “pílulas” feitas em 2020, tais anotações funcionam como pequenos fragmentos de ideias e/ou percepções que sucederam durante o trabalho no ateliê. Em alguns casos (talvez na maioria deles), são ideias “soltas”, que talvez não se interligam diretamente, entretanto, os vejo como elementos em uma colagem, ideias, sussurros, presságios do que está passando e/ou está por vir. Tais anotações, em alguns momentos, funcionam como caderno de notas para registrar referências que acessei e/ou identifiquei como relevante para compreensão do trabalho e/ou para pesquisar algo que me interessava.

Durante o trabalho no ateliê, em alguns momentos, me lembrava de conversas com amigos, com colegas e/ou outras pessoas, conversas que, de alguma maneira, ficaram gravadas em mim… por algum motivo, tais falas/diálogos eclodiam enquanto eu produzia imagens e, como foi algo recorrente, achei prudente anotá-las.

02 de agosto de 2020 (pílula 1)

(Desenhar, fazer gravura) a escolha dos objetos, paisagens e demais elementos representados, parte da tentativa de me aproximar desses “alvos”, seja no aspecto de compreender as formas, entender princípios do desenho, de registrá-los…
A escolha parte da (tentativa de) aproximação afetiva. O sofá é um dos elementos centrais do espaço/ambiente da casa, por ser ponto de encontro, pausa, repouso, acolhimento, confraternização, alienação... os moradores da casa, os gatos e cachorros repousam ali.

02 de agosto de 2020 (pílula 2)

Os objetos da casa. Objetos pessoais (tesoura, leque, chaveiro...), presentes que recebi ou aquisição própria com finalidade utilitária e/ou por atração estética. Alguns desses objetos/itens guardam “segredos” e/ou me aproximam de (estabelecem vínculos com) pessoas queridas...
[“A maior benevolência é como a água, e a maior virtude tolera tudo”, inscrição em mandarim no leque, tradução Cheng Li] - o que isso quer dizer? Mensagem oculta de quem me presenteou com o leque? Acaso (mais um na vida, como na mesma maneira que nos encontramos/conhecemos)? Um leque representa muito e , ao mesmo tempo, não representa nada.
Objetos, inanimados, são utilitários, posses... Pessoas e relações são o oposto. A aproximação parte do mesmo princípio: Estético/Afetivo

02 de agosto de 2020 (pílula 3)

Como mudar o olhar para ver/enxergar a essência (própria e/ou do alvo)? Encontrar poesia é um exercício, treino, desafio tal qual aprender a conviver. Me lembro do Cheng dizendo que “amar não é propriedade”. Ele tem “algo cigano”, é um ser livre consciente do que quer e de que a vida é curta para perder tempo. Preciso aprender com ele e com pessoas como ele. Aprender a encontrar o caminho para o que quero/necessito.

02 de agosto de 2020 (pílula 4)

Após 1 semestre confinado em casa, em meio a pandemia de Covid e tentando tocar a pesquisa do mestrado (editado em 07/02/2022), sem perspectiva para que esse quadro mude e eu tenha acesso aos ateliês da universidade, vejo que o projeto que estipulei para mestrado está cada vez mais inviável. Por isso, não sei se a gravura atende mais às minhas demandas/necessidades. Talvez trabalhar para encontrar pontos de intersecção entre desenho, pintura, colagem, livro e gravura seja o mais acertado agora. Partir de imagens que produzi durante anos de pesquisa e trabalho, seja um caminho para descobrir novas maneiras e perspectivas de criação narrativa e poética através de imagens. Pensar imagens que continuam se desdobrando ao longo de anos é como pensar a paisagem que se modifica com o passar do tempo, com a inserção, alteração e/ou supressão de elementos, da luminosidade, do ponto de vista... Essas imagens, seja o sofá (e suas variações), os objetos, pássaros, montanhas e demais elementos da casa e seus arredores, estão abrindo caminho para novas narrativas ao serem associados de novas maneiras.

Estou sentindo vontade/interesse por objetos tridimensionais: metal/madeira, quero fazer um “livro” com as matrizes das gravuras, pois apesar do papel ter características que me atraem, penso que é possível experimentar outras materialidades.

Hoje é aniversário do Cheng, pensar nele é mais um exercício de memória e autocompreensão. O que nos marca e o que lembramos diz muito sobre nós. É como um objeto muito delicado que é quebrado. A partir de inúmeros fragmentos, é possível tentar reconstruir algo que se aproxima, ou não, do que havia antes, mas, por mais cuidado que se tenha, não há como reconstruir integralmente o que havia antes. É possível que espaços vazios e/ou novas formas/informações apareçam. (talvez, a memória opere de modo semelhante a este texto e/ou as imagens que produzo, a cada nova leitura o enfoque pode mudar e é possível acentuar, suprimir e/ou agregar novas informações)

---

14 de agosto de 2020

“A Recusa em ver a negatividade da realidade.

A Recusa em ver que há algo a ser superado!”

“A desigualdade destrói os laços comunitários, destrói qualquer traço de civilidade”

---

17 de agosto de 2020 (pílula 5)

(O trabalho nunca está acabado, eu quero me permitir descobrir coisas novas, quero enfrentar o desafio de algo que não sei o que é e nem onde irá me levar. Quero ter coragem para me arriscar e sair da zona de conforto. Para ter novas experiências e correr o risco de destruir uma gravura para encontrar novos caminhos na pesquisa com colagem e pintura)

---

04 de setembro de 2020 (pílula 6)

“O bosque é uma soma de possíveis atos nossos, que, realizados, perderiam seu valor genuíno. O que do bosque se coloca perante nós de maneira imediata é só pretexto para que o demais fique oculto e distante” (pg. 68)

“As árvores não permitem ver o bosque, e graças a isto é que o bosque existe. A missão das árvores patentes é fazer latentes as demais, e só quando nos damos perfeita conta de que a paisagem visível está ocultando a paisagem invisível, é que nos sentimos dentro de um bosque” (pg. 69)

“...e a profundidade está condenada de maneira fatal a converter-se em superfície se se quer manifestar... O bosque verdadeiro se compõe das árvores que não vejo. O bosque é uma natureza invisível – por isso em todos os idiomas conserva seu nome um halo de mistério” (pg.67)

(Ortega y Gasset – “Meditações do Quixote)

Como no meu trabalho: Há camadas de compreensão e apreensão que não são entregues imediatamente, é preciso se aproximar cautelosamente, observar, contemplar, descobrir, adentrar, mergulhar. Não é possível ter tudo, tampouco agarrar e/ou ver simultaneamente. É preciso escolher para onde mirar, o que tocar. Aos poucos será possível ter noção da totalidade, desde que haja disponibilidade (e permissão) para adentrar. (É como conhecer algo/alguém em profundidade, intimamente. Como avançar através da pele/superfície? Como mergulhar na imensidão dos olhos? Como acessar a vastidão da alma?)

“Há quem alcançaria a plena expansão de si mesmo ocupando um lugar secundário, e o afã de situar-se em primeiro plano aniquila toda sua virtude” (pg. 69)

“...Alguns se negam a reconhecer a profundidade de algo porque exigem do profundo que se manifeste como o superficial. Não aceitando que há várias espécies de claridade, atentam exclusivamente à peculiar claridade das superfícies. Não advertem que é essencial ao profundo o ocultar-se através da superfície e apresentar-se só através dela, palpitando sob ela. Desconhecer que cada coisa tem sua própria condição e não a que queremos exigir-lhe, é a meu ver, o autêntico pecado capital, que chamo de pecado cardinal, por originar-se na falta de amor. Nada tão ilícito como apequenar o mundo com nossas manias e cegueiras, diminuir a realidade, suprimir imaginariamente porções desta.” (pg. 70)

“Há pois, toda uma parte de realidade que se nos oferece sem mais esforço que abrir os olhos e ouvidos – o mundo das puras impressões. Chamando-lo mundo patente. Mas há um transmundo constituído por estruturas de impressões, que, se é latente com relação ao primeiro, não é, por isso, menos real. Para que este mundo superior exista perante nós necessitamos abrir mais que os olhos, exercer atos de maior esforço: mas a medida deste esforço não tira nem lhe acrescenta realidade. O mundo profundo é tão claro quanto o superficial, só que exige mais de nós.” (pg.74)

“Ao contrário, para nos fazeres patentes, impõe-se uma condição que desejamos sua existência e nos esforcemos em sua direção. Vivem, pois, de certo modo, dependentes de nossa vontade. A ciência, a arte, a justiça, a cortesia, a religião, são órbitas de realidade que não invadem barbaramente nossas pessoas, como a fome ou o frio; só existem para quem quer... Há, no entanto, sobre o ver passivo, um ver ativo, que interpreta vendo e vê interpretado; um ver que é enxergar. Platão soube achar para estas visões que são enxergar, uma palavra divina: chamou as ideias. Pois bem, a terceira dimensão da laranja não é mais que uma ideia, e Deus é a última dimensão da campina” (pg.76)

(Ortega y Gasset – “Meditações do Quixote)

04 de setembro de 2020

Meu trabalho, pesquisa poética se desdobra a partir dos elementos da paisagem/espaço ao meu redor. Objetos da casa, a arquitetura da morada, as árvores e demais vegetações ao redor, assim como elementos da urbe, apreendidos através da observação durante os deslocamentos. (Atualmente estamos na transição entre inverno e primavera. Há 2 pés de Ipê Amarelo e 1 Pata de vaca em flor na calçada de casa. Da janela do ateliê observo as mudanças da paisagem, seja através do desenvolvimento dessas árvores, seja da saturação do ar poluído pela falta de chuvas, ou mesmo a paisagem sonora que é transformada ao longo do(s) dia(s). A luminosidade também é um ponto importante, pois ao longo do ano, e conforme as árvores crescem, encobrem a casa, mudando as características do espaço)
As observações partem de alguns pontos:

*Atração estética/afetiva;
*Tentativa de Registro/Anotações/Compreensão dos elementos do espaço;
*Fixação, Permanência, Memória;

(os títulos de algumas imagens é: “passagens, mudanças, memórias, vestígios”. Essas palavras, soltas e/ou associadas, sugerem muitas coisas. As anotações, através de desenhos, gravuras, textos e/ou colagens, possibilitam registros e materialização das percepções de momentos. O modo com que a paisagem (espaço) se transforma física e/ou afetivamente, a partir das percepções, contribuem/permitem que o trabalho/representação mude também.)
As gravuras produzidas inicialmente apoiadas nas anotações (desenhos, fotografias...) eram resultados de planejamentos. O que não impedia que as imagens/projetos se transformassem durante o trabalho. Devido a uma série de circunstâncias, a produção de novas matrizes foi interrompida, mas há uma retomada de imagens guardadas. Através de intersecção com outras linguagens, como desenho, pintura, colagem, estampas produzidas entre 2010 e início de 2020, são ressignificadas, e novas narrativas são estabelecidas.

É como um diário, caderno de registros/anotações, alterado regularmente da mesma maneira que o espaço/paisagem. É como o título da exposição de Bruno Munari, no MCB, em 2019, sugeria: “A mudança é a única constante no universo”, através dessa premissa, ao retomar, recortar e associar imagens produzidas em períodos distintos (ao longo de + de 10 anos) reflito sobre minhas percepções, memórias, relações, afetos... construo narrativas poéticas que podem ser alteradas a qualquer momento, seja ao inserir e/ou suprimir um novo elemento, seja ao distinguir a apresentação como estampa isolada, painel e/ou livro/caderno.

---

09 de setembro de 2020

“Estar totalmente atento e ao mesmo tempo distraído (estar presente, inteiramente) para estar permeável e aberto à ação, ao acaso, à surpresa... Para ativar novos procedimentos criativos, ver mais possibilidades.” (pensamento Sistêmico)
“Linhas do horizonte por uma poética e ato criador” (Edith Derdyk/ Ed. Intermeios)

---

15 de setembro de 2020

Escrever sobre as conversas com amigos/colegas sobre trabalhos: seleção do que levar mostrar (preparação , seleção, recorte, curadoria dos trabalhos antes da conversa... diz muito sobre processo de criação / trabalho , pois é possível ter uma noção panorâmica /global da produção, e ao escolher o que levar, a organização do discurso começa a se estruturar)
- Falar sobre reflexões que tive ao mostrar os trabalhos e conversar sobre;
- Escrever sobre conversa, sobre as contribuições do Tulio Costa, Lu Martins, Danielle Desierrê, Ludmila Porto, Paulo Penna, Cleber Alexsander... Como e o que isso me fez pensar/enxergar na pesquisa.

---

18 de setembro de 2020

(“Não há como todo mundo ter tudo”)

Memória motora: Você não lembra, sua mente não lembra, mas suas mãos lembram.

---

21 de setembro de 2020

Memória é algo embaralhado, não há como sistematizar.

Abra espaço, seja generoso, retribua às ajudas recebidas.

Abra espaço. Abra as mãos. Abra o coração. FALE!

---

22 de setembro de 2020

(Tudo) tem a ver com Deslocamentos

Olhar para o entorno, interior e exterior; olhar para si e para o outro.

O artista caminhante (Flâneur).

O livro de artista é um fato aberto, como dispara aspectos de espacialidade e temporalidade. O livro como sequência de espaços que provoca (produz experiências de) temporalidade (conforme você avança, ou recua). Deslocamentos: um corpo que se move.

A legibilidade se faz pela sensibilidade, pela aproximação e escuta.

Percepção estética é algo que ocorre quando seus sentimentos acordam/ são estimulados.

IMAGINAÇÃO: SOMOS FÁBRICAS DE IMAGENS

---

23 de setembro de 2020

Como as experiências estéticas presentes no cotidiano (na vida) são relatadas e transpostas no (através do) trabalho artístico?

O caminhar, os deslocamentos, as memórias, relações interpessoais de afeto são transpostas para o trabalho...

Inquietações. Atrações estéticas por algo/alguém.

O mundo que passa

A poesia é um ato de concisão

Ocultar // Revelar

- A leitura não é definitiva nem definidora, pois o trabalho é um fato aberto
- Os ninhos que criamos em nós

O (inter)câmbio de ideias e informações.

O gesto inacabado

O nosso poder são nossos pensamentos e ações

O que você pensa e sente profundamente?

O que te move e gera energia?

O consciente e Inconsciente

Diário/Relato de Artista: a arte como relato de experiência (autorreferencial) do mundo. Percepções do espaço e registro de relações afetivas

29 de setembro de 2020 (1)

Repetição
Diferença
Memória
Futuro
[o corpo como presentificação da memória]
[memória presentificada na ação corporal]
[percepção de nós mesmos, dos outros, do espaço]
(edição 07/02/2022: o outro como espelho, vide “Inédita Pamonha”, com Clovis de Barros Filho)

Ocupando lugar

“Cuidar é simplesmente olhar,
Para um mundo que você não vê.”
(Luz antiga - Nando Reis)

(“O cérebro aprendiz” – Roberto Lent)
*Conhecimento não é apenas linguagem verbal e não está apenas compactado no cérebro. O movimento também é conhecimento
O inconsciente também é conhecimento.
Antônio Damázio – “O cérebro criou o homem”

Nosso cérebro é o cartógrafo que constrói mapas e cartografias o tempo todo, à partir das apreensões e sentimentos

29 de setembro de 2020 (4)

O que diferencia o conhecimento de tantas outras ações do corpo é sua potência de ativar outros movimentos. De fato, não importa o que é o conhecimento, no sentido daquilo que se acumula, mas sim o que ele faz conosco e aos outros. E seja lá o que faça, a única certeza é que seu modo de fazer é sempre corporal, pois todo conhecimento é, em sua gênese, um conhecimento do corpo.

(Christine Greiner. “Os mistérios do conhecimento, os segredos do corpo.” Primeiros Ensaios. Pg 134)

“a pesquisa é uma viagem no tempo. Chega uma hora em que precisamos pôr os pés no chão e ser pragmáticos.”

---

30 de setembro de 2020

(Seus espaços e/em nosso Tempo”)

---

01 de outubro de 2020

Usamos o que está perto/acessível

A pesquisa é uma viagem no tempo. Chega uma hora em que precisamos pôr os pés no chão e ser pragmáticos”

---

02 de outubro de 2020

(Dar voltas por não conseguir avançar)

Tomar cuidado para não se afastar da sua questão principal/objeto de pesquisa.

Estou na fase de garimpar:

- Referências;
- Ideias;
- Trabalhos (pensar em outras linguagens e materiais)

*4 aulas neste semestre;

*Aula do Ricardo Coelho (Unicamp);

*Grupo de Pesquisa Luise Weiss/Unicamp;

*Curso de Extensão Livro de Artista e suas extensões gramaticais – com Edith Derdyk (A Casa Tombada);

*Tentando cumprir as demandas de Atividades Complementares: Pontos de chegada, mudando ao longo de 2020, devido a pandemia; as aulas que estou fazendo, a aquisição de referências, descobertas e reflexões sobre outros materiais, linguagens e procedimentos.

*Como algo processual e pendular, através das novas experiências, (posso) repensar o que fiz até aqui e ressignificar as e percursos. Usar matrizes para fazer livro (paginas de metal/madeira: abraçar a tridimensionalidade e exemplar único).

“Acasos e Improvisação Artística” – Livro Fayga Owtrower

Improviso. Acaso. Repertório. Gambiarra: Jazz!?

(Haroldo de Campos : “Ideogramas”)

Transgressão

Materialidade

Linguagem

Sentidos

Tátil

Leitor / Coautor

O Fazer

O livro é uma caminhada, um percurso cheio de composições, formadas a medida que folheamos suas páginas, tateamos e descobrimos coisas.

[Tudo tem a ver com o PRAZER]

O que lemos? Histórias de pessoas de hoje, de ontem e de muito tempo atrás.

Conversa que apresenta

Como será lido?

Como encontrar a história/narrativa que está no livro?

As relações são frágeis: se não cuidarmos, elas irão se deteriorar.

(MODOS DE PRODUZIR A VIDA)

06 de outubro de 2020 (2)

VER COM AS MÃOS

TOCAR COM OS OLHOS

Hegemonia do olhar em detrimento da relação corporal e demais sentidos

Ao ter nas mãos, entendemos melhor a profundidade da obra/trabalho

São elementos que se repetem, indicando alguns símbolos em um (pequeno) cosmos/universo

DIVERSIDADE DOS MATERIAIS / RELAÇÃO TÁTIL

LEMBRO

LOGO EXISTO

O livro é um lugar que revela um percurso.

As camadas. Conforme caminhamos, algo fica para trás.

TRANSGRESSÃO - Produzir e se aventurar sem medo

Livro = um corpo que invade o espaço

Pensar no próprio corpo

---

07 de outubro de 2020 (1)

Inicialmente, a proposta era descrever a paisagem, a partir dos deslocamentos pela cidade (Flanêur), utilizando as linguagens, desenho, gravura e livro de artista.

Devido a uma série de fatores (o principal foi o fechamento do prédio do Instituto de Artes, devido à Pandemia de Covid, e consequente isolamento e inacesso à um ateliê de gravura com prensa para impressão) o trabalho/pesquisa/produção foi redimensionada, como um diário, que propõe/apresenta espaços, paisagens e ambientes. Utilizando imagens impressas em gravura em metal (feitas antes de 2020), e, ao ressignificá-las, modificá-las com inserção de desenho, pintura, colagem e, reconfigurando-as para formato de livro/caderno...

(Quanto mais falamos, mais sanamos dúvidas em nossas mentes e mais compreendemos o assunto).

Qual é o seu objeto de Estudo?

07 de outubro de 2020 (2)

Colagens e livros de artista (a partir das gravuras e desenhos). Como um diário, caderno de anotações que regista/mostra/apresenta elementos (imagens e/ou textos), passagens do tempo, relações poéticas entre os elementos do espaço... possibilitando que o “público” possa estabelecer relações na narrativa proposta/apresentada

Definir conceitos

Ritual na ação manual/criação artística

“A observação da natureza é importante”

(Geração observadora - que não entra na coisa)

(Relato de Experiência / Processo de trabalho)

ENREDAR

Analisar

Refletir

Descrever

07 de outubro de 2020 (3)

Relato de Experiência: analisar, descrever, refletir sobre processo de trabalho e seus desdobramentos.

*Conceito de Deriva
*Contextualizar produção
*Pensar sobre produção/desdobramentos para entender as relações, conexões, contextos da minha pesquisa, onde se situa...
*Pesquisa prática teórica onde sua pesquisa se conecta com a de outros artistas, pensadores etc.
*Formato: Subsistema, do geral ao particular
(Aspécto científico quando escrevemos um artigo, dissertação, pesquisa)

---

13 de outubro de 2020 (1)

*(O) Caminhar como prática estética/deriva

[Afetos linguísticos como eixo sensível]
*Conquistar posição no mundo. Intuição/deslocamento. O contexto como razão de ser
*Colecionar fragmentos como ferramenta poética

A gente não consegue se distanciar da história para ver com nitidez, assim como não consigo sair de mim para me analisar (mas, através das outras pessoas, que são espelhos, é possível me compreender melhor). De tal modo, é um movimento de dentro para fora e de fora para dentro, pois, a partir da observação exterior posso refletir sobre meu interior.

“Movimento Imanente: interno/ externo”
“Existem vontades: qual é a sua real vontade?”
“Passagens, mudanças: memórias, vestígios” (Desmembrar cada uma das palavras estabelecendo relações com os trabalhos/imagens)

DERIVA: NÃO SABER ONDE IRÁ CHEGAR

Qual é a sua verdadeira vontade de entender esses processos, e se colocar num ambiente de aprendizado que seja confortável para você para se apropriar desse modelo paradigma e se perguntar qual é a sua verdadeira vontade de se relacionar com o conhecimento e entender a forma como você quer se relacionar para pautar como você vai incorporar isso.
A proposta do conhecimento é trazer para seu corpo

---

27 de outubro de 2020

*O tempo é o que temos de mais importante
*O contrario da vida é a paralisia que nos impede de agir e viver
*Não notamos a movimentação da terra. O fato de não sentirmos/percebermos algo, não quer dizer que não aconteça.

“A morte é apenas deixar este mundo e tudo que há nele para trás”

Lembrete (sem data)

- Em meio as travessias/deslocamentos pela cidade, geralmente de ônibus (ou à pé). Em meio às saídas para obter sexo, nos banheiros público, saunas, parques e demais espaços públicos (e/ou com Garotos de Programa). Em meio a observação dos espaços que atravesso (e me atravessam), reflito sobre a vida, sobre as escolhas que fiz, sobre mim... As situações, informações, imagens e escolhas aparecem e se entrelaçam como em uma colagem: são sobrepostas, criam/estabelecem novas relações a partir da maneira que estão arranjadas, do que está próximo e/ou distante, do que está em evidencia e/ou sendo apagado... O que estava antes reverbera no que é posto depois. É possível mudar a aparência/composição, mas não reverter a ação anterior, pois algum resíduo permanecerá.

- Por que estou perseguindo/fazendo/repetindo essa imagem/caminho?
- Por que fujo de mim? Autoconhecimento é um movimento curativo?

“Desenho para lembrar. Gravo para não esquecer” (Leya Mira Brander)
“O visível e o invisível” (Merleau-Ponty)

“Rayuela” (de Cortázar)
Poder falar sobre mim.
Romper o silêncio e expor o que foi/está escondido.
A necessidade de falar, de comunicar e de expressar algo.

“Os livros estão impregnados de passado. Se lemos um livro antigo é como se lêssemos durante todo o tempo que transcorreu entre o dia em que se foi escrito e nós. Por isso convém manter o culto ao livro.” (BOYES, Jorge Luis) (APROXIMAÇÃO ENTRE MEMÓRIA, DESDOBRAMENTO DO TRABALHO AO LONGO DO TEMPO).

sem data (transcrito em 03 de abril de 2022)

“O Livro do Imperador Amarelo” (3000 a.C)

Portão da Vitalidade - Rins (Nossa Fornalha de Vida)

Desenhar é Relembrar

Desenhar é sonhar

“Desenhar é relembrar e toda memória é uma reconstrução carregada de desejo”

(João Galera, em curso no SESC São Caetano, junho de 2021)

Memória e Desejo

(Memória: - Passado - Rever a Memória)

(Desejo: - Futuro - Pensar o futuro à partir dos desejos)

__ **A CIDADE COMO GUIA** (“Antes que acabe”, livro de João Galera)

- O desenho começa no processo de observação, antes do primeiro sinal gráfico (vir/ir) sobre a superfície do papel.
- Memória Exposta
- O que eu quero?
- O que quero falar?
- Como e para quem irei me comunicar?
- A cidade que eu gostaria de viver, a realidade que eu gostaria de habitar.
- Desenhar é escolher:
- Quais materiais usar?
- O que desenhar/descrever?
- Como desenhar?

sem data (transcrito em 04 de abril de 2022)

> “Se a pessoa esquece do/o canto, ela perde o vínculo com sua identidade. É através do canto (festejo) que afirma, fixa, relembra quem é, assim como suas origens e características”
> (o canto da sereia) - não tenho certeza de onde extraí esse texto

“O Tempo que nos devora”

“O rastro dos cantos” (Livro de Bruce Chatwin - Companhia das letras 1996)

Faith - Livro de fotografias artista americano

- Habitar // Habitat;
- “Precisamos inventar algo para sobreviver” (José Spaniol)

O que representa o seu discurso de artista?

O Espaço contorna o objeto!

“O Homem e o espaço” (Otto Frederic Bonawm)

---

24 de janeiro de 2022

Tem a ver com o fazer, com processo, trabalho manual, experimentar e investigar a(s) linguagem(ns), manipular ferramentas, tintas, pincéis, goivas, madeiras, cobre, mordentes, papéis…

É observar o exterior e interior.

É meditar: ao olhar para fora e enxergar mais a fundo, dentro.

São os três estágios (de escolha):

- Estético (apetites/desejos)
- Ético (argumentativo/ponderação)
- Espiritual/Religioso (existência intuitiva onde nenhuma justificativa importa)

“Toda experiência de fracasso possui em si uma semente de sucesso, uma gênese” (Napoleão)

(Citação em “Inédita Pamonha, #74”, por Clóvis de Barros Filho)

Dentro do fracasso há uma indicação para aquilo que é favorável

“Diante de um grande senhor, eu me inclino, mas, meu espírito não se inclina”

(“Fundamentos da metafísica dos costumes”)

(Respeito por si/orgulho)

(“Largar de mão”)

“Diante de uma imagem, por mais antiga que seja, o presente jamais cessa de se reconfigurar. Diante de uma imagem, por mais recente que seja, o passado jamais cessa de se reconfigurar, porque essa imagem só se torna pensável numa construção de memória.” (Georges Didi-Huberman)

“Toda pesquisa surge de uma cisma” (Bruno Brito citando o Profº Drº José Leonardo do Nascimento)

“Esta tarde aprendemos que morte e vida estão no interior do mesmo círculo”

PROCESSOS E PROCEDIMENTOS ARTÍSTICOS: ENTRE GRAVURAS, COLAGENS, PINTURAS E LIVROS DE ARTISTA, O FAZER COMO PESQUISA POÉTICA.

"O segredo da busca é que não se acha"
(Fernando Pessoa)

13 de jan 2023

As imagens, cadernos, livros e demais trabalhos são um desdobramento contínuo, desde as primeiras gravuras da minha mãe dormindo sobre o sofá, que se desdobraram para a representação dos sofás e objetos da casa. A representação dos ambientes domésticos e os arredores da casa. Descrever e contar, através de imagens como são os deslocamentos pela cidade. Entrelaçando esses (e outros) ambientes/elementos, os cadernos e livros acontecem.

Os cadernos e livros, em muitos casos, são o que tenho de mais potente e valioso no que diz respeito a documentação, investigação gráfica/plástica, por isso sou tão apegado a eles. Não apenas pela dificuldade em pensar e viabilizar formas de expor, mas por identificar que ali há um terreno fertil para investigação e transformação constante. Tenho cadernos que estão em constante mudança há quase 10 anos: com a adição de páginas, de abas às páginas, com novas sobreposições, com colagens, extração de elementos etc… Os cadernos / livros são locais de reunião das imagens, organização do pensamento. Posso e gosto de manuseá-los. Os elementos estão organizados dentro de uma possível "desordem". É um grande corpo composto por trabalhos feitos ao longo de anos e apresentados de modos distintos(!), tudo está posto de maneira labiríntica (muitas vezes até eu me perco no meio dos processos de trabalho, pesquisa, pensamentos…), mas, ao observarmos atentamente, é possível encontrar eixos de ligação e compreender o que está por trás das imagens, o que há de poético e intencional em meio às imagens, cadernos, livros…

- As imagens como grande caderno de anotações;
- Experiências anteriores que dão parâmetros para refletir sobre o que é feito atualmente;
- Conversa contundente com a: pintura, matéria, manualidade, materialidade;
- Trabalho intuitivo (intuição como antecipação do que está por vir, como manifestação do repertório adquirido);
- Trabalho como forma de travessia, o processo e percurso como pontos primordiais;

O fazer manual e trabalho em ateliê são essenciais nesta pesquisa. Manusear os materiais de gravura, pintura, colagem e demais linguagens são essenciais nesse processo. Há uma relação direta entre as ações físicas e materialidade das obras. Meu corpo se move e produz os corpos dos trabalhos.

O caminhar pela cidade possibilita que meu pensamento flua. Estar no ateliê, misturar as tintas para descobrir cores, pensar os formatos das imagens e páginas são processos intuitivos e ao mesmo tempo calculados meticulosamente. A cada nova imagens, há a ação de arquivamento e resgate, para planejar possíveis alterações e combinações com as já existentes.

…

A partir de 2020, gravura e livro de artista começaram a ser combinados com as linguagens de colagem e pintura. Não mais como processo de estudo/pensamento, mas sim como meio expressivo. (vide imagens no capítulo “gravuras, livros e cadernos”). Nesse processo (de 2020 ao final de 2022), entendi que os cadernos para além de diários com anotações, espaços para planejar e estudar, poderiam ser as obras, o que me permitiu a investigar as possibilidades de ter provas únicas, através da apresentação e (re)organização de imagens de maneiras infinitas: como as sete notas musicais e/ou letras do alfabeto. É como em um jogo combinatório, onde a cada rodada é possível mudar tudo e ir adiante.

Olho para as imagens e penso que são ferramentas para contar e recontar histórias. A cada momento um detalhe poderá ser adicionado ou retirado. Esse desvio de percurso servirá como pretexto para descobrir novas possibilidades.

Nesse processo, me lembrei recorrentemente de uma entrevista onde a artista Rosana Paulino disse que “A técnica se adequa ao discurso”, e, tendo essa possibilidade em perspectiva, me senti muito mais livre para produzir imagens e interseccionar linguagens, tendo como perspectiva entrelaçar os processos no ateliê, as linguagens, o fazer manual (já que identifico como fundamentais entendendo minha personalidade e pesquisa, pois “...o próprio artista é uma sobrevivência, um operário ou artesão de uma espécie em vias de extinção, (...) usa procedimentos muito pessoais e muito empíricos, (...) vê o que quer e não o que o cerca.[6]”,“por isso, não devemos abrir mão da oficina como espaço social. No passado como no presente, as oficinas estabelecem um movimento de coesão entre as pessoas através dos rituais de trabalho.[7]”) com as questões e discurso poético, como falar sobre Resíduos / Apagamentos / Pegadas / Memória / Cultivo / Constância / Autorreferência… em suma, gosto de pensar que é isso que Rosana Paulino sugere ao dizer que a técnica se adequa ao discurso.

---

[6] (Paul Valéry. *Degas dança desenho. São Paulo: Cosac Naify, 2003.* p.36).

[7] (Richard Sennet).

OUTRAS CONSIDERAÇÕES: PÁGINA EM BRANCO / PARA NÃO CONCLUIR

Ao entregar um trabalho, encaro que o resultado apresentado é um registro de mais uma etapa do processo de criação. Isso significa que, a pesquisa que desenvolvo começou antes do mestrado e seguirá após ele. Quanto mais tempo estiver disponível para realização de uma demanda, mais caminhos, possibilidades e resultados aparecerão e o corpo de trabalho será cada vez maior e mais denso: assim como as imagens, cadernos e livros, que são modificados e ressignificados com o passar dos anos.

Ao organizar os textos e imagens aqui presentes, muitas possibilidades apareceram, como elaborar um material gráfico com registros e impressões fotográficas “fine art”, para tentar minimizar as perdas de informação entre os originais e as reproduções. A ideia seria fazer facsimiles dos cadernos e livros, e produzir cadernos separados contendo a dissertação.

Quanto mais eu elaborava essa ideia e me dedicava a ela, percebi que seria uma nova e longa empreitada. Trabalho de curadoria, registro e editoração de imagem, assim como de design gráfico para interpretar e transpor todo um conjunto de obras (estampas, cadernos e livros de artista) em outra coisa. Cada vez mais, isso se revelava como uma nova pesquisa: um possível caminho para uma pesquisa de doutorado!?

Na ocasião que apresentei o trabalho de conclusão de curso na graduação, a sensação que tive era de completude e motivação para continuar a pesquisar e manter-me em movimento. O que sinto agora é algo muito parecido! Vendo em perspectiva esses quase três anos de mestrado, houve muitos momentos de esgotamento: durante as inúmeras fases da pandemia de COVID 19; as crises de ansiedade, insegurança e insatisfação com os resultados e encaminhamentos do trabalho… Entretanto, ao ver os trabalhos e conjuntos de textos reunidos e ao me preparar para a defesa, percebo que houve inúmeras transformações: amadureci nesse processo, ampliei a maneira que ver e encarar o ambiente acadêmico, a pós-graduação, os métodos e processos de trabalho e pesquisa… Tudo isso, para além das mudanças nas formas e linguagens do trabalho, mas também no que diz respeito às relações interpessoais e auto percepção.

TRANSFORMAÇÃO é o que define (todo) este trabalho/pesquisa. Essa palavra chave acolhe aspectos formais, visuais, plásticos, internos, externos… Também está intimamente ligada com minha trajetória enquanto artista e indivíduo.

Pensar nesse percurso todo é pensar nos deslocamentos que geram as imagens: sejam externos e/ou internos. É entender a forma espiralada como meus pensamentos e processos de trabalho, pesquisa e aprendizado se desdobram. É compreender os (múltiplos) modos indiretos e mais ou menos sutis que me aproximo ou afasto das coisas, lugares e/ou pessoas. É como um desenho em fluxo contínuo, com pausas, variações de ritmo, interrupções, (abandonos), retomadas, redescobertas…É refazer um compromisso diariamente. É possibilitar que exista sempre uma página em branco que acolherá novas/outras ideias e desejos viabilizando sua expressão e materialização.

Encerro esse trabalho com o seguinte questionamento: “Haverá outro modo de salvar-se? Senão o de criar as próprias realidades?[8]”

[8] (Clarice Lispector).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria**. 2ª ed. (2ª tiragem). São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2ª ed. (1ª reimpressão). São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BUTI, Marco e LETYCIA, Anna (orgs.). **Gravura em metal**. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2002.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** 1ª ed. São Paulo: Ed. G. Gili, 2013.

CARRIÓN, Ulises. **A nova arte de fazer livros**. Belo Horizonte: C/ Arte, 2011.

DERDYK, Edith (org.). **Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas**. 1ª. ed. São Paulo: Senac, 2013.

DEWEY, John. **Arte como Experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 25ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística. 5ª ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

SILVEIRA, Paulo. **A Página Violada: Da Ternura À Injúria na Construção do Livro de Artista**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

WEISS, Luise. **No Mar**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2011.

ARTIGOS e TRABALHOS ACADÊMICOS

BUTI, Marco. **A gravação como processo de pensamento**. Publicado na **Revista da USP** nº 29, março/abril/maio 1996. Republicado no livro “Gravura em metal”.

BUTI, Marco. **Caros artistas, pesquisem. É suficiente**. Publicado na Revista “Ars”, nº 6, 2005.

BUTI, Marco. **A arte na universidade, a universidade na arte**. Memorial de Livre-Docência a primeira parte publicada na Revista “Ars” nº 14, 2009.

BUTI, Marco. **Meios tradicionais na gravura contemporânea Brasileira**. São Paulo, SP Itaú Cultural, 2001.

FABRIS, Annateresa. **Pesquisa em Artes Visuais**. Porto Arte, Porto Alegre, v.2, n.4, nov.1991.

FABRIS, Annateresa (org). **O livro de artista: da ilustração ao objeto**. O Estado de São Paulo,19.03.1988, p.6, ano VII, nº 401.

JARDIM, Evandro Carlos. **Arte como manifestação poética.** História do Ensino da Arte: Experiências (ações singulares 2). São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009.

PLAZA, Júlio. **O livro como forma de arte I e II.** Arte em São Paulo, nº 6 e nº 7, abril e maio de 1982.

SPANIOL, José Paiani. **Verticalidade e Espelhamento**. Tese de doutorado, Escola de Comunicações e Artes USP, 2009.

WEISS, Luise. **O ensino da xilogravura ontem e hoje: considerações sobre atividades didáticas e artísticas.** Porto Alegre, RS, 25° Encontro da ANPAP “Arte: seus espaços e/em nosso tempo”

WEISS, Luise. **Livros-objetos e almanaques: marcas e deslocamentos**. Cachoeira, BA, 19° Encontro da ANPAP “Entre Territórios”

WEISS, Luise. **Monotipia: algumas considerações**. Cadernos de [gravura] – no 2, novembro de 2003.

WEISS, Luise. **Tão perto, tão longe: trajetórias.**

APÊNDICES

Imagem 01 - gravura em metal impressa sobre papel 13,5cm x 12cm (2008)

Imagem 02 - gravura em metal impressa sobre papel 13,5cm x 12cm (2008)

Imagem 03 - gravura em metal impressa sobre papel 13,5cm x 12cm (2008)

Imagem 04 - gravura em metal impressa sobre papel 13,5cm x 12cm (2009)

Imagem 05 - gravura em metal impressa sobre papel 13,5cm x 12cm (2009)

Imagem 06 - gravura em metal impressa sobre papel 13,5cm x 12cm (2009)

Imagem 07 - gravura em metal impressa sobre papel 13,5cm x 12cm (2009)

Imagem 08 - gravura em metal impressa sobre papel 13,5cm x 12cm (2009)

Imagem 09 - gravura em metal impressa sobre papel 13,5cm x 12cm (2009)

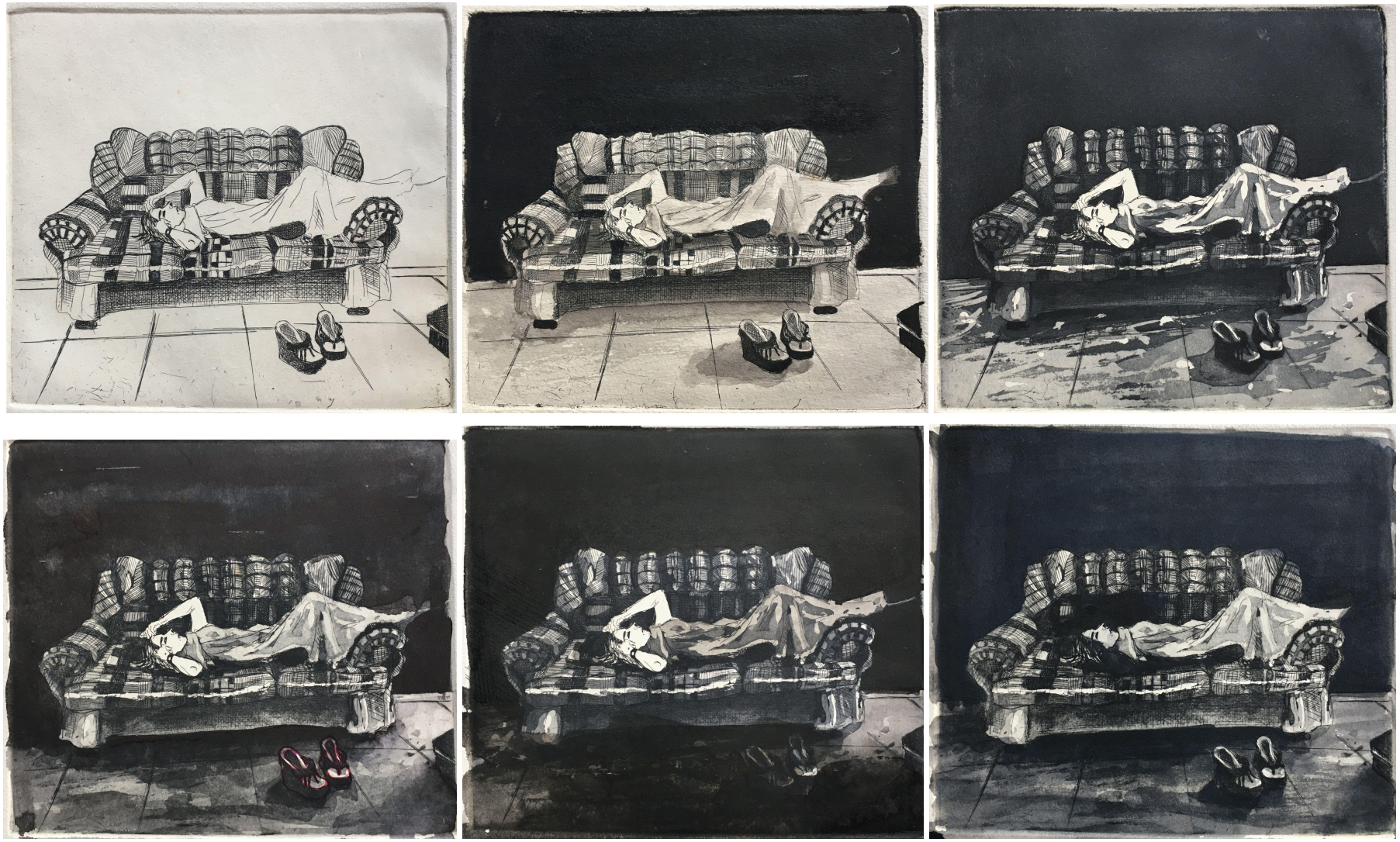


Imagem 10 - gravura em metal (desenho e aguadas) sobre papel
17cm x 15cm (2009)

Imagem 11 - gravura em metal impressa sobre papel
20cm x 15cm (2010)

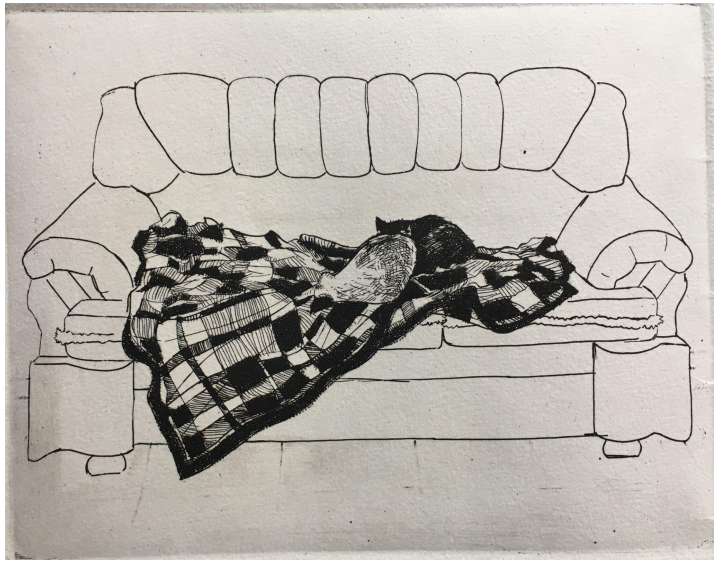


Imagem 12 - gravura em metal impressa sobre papel
20cm x 15cm (2010)

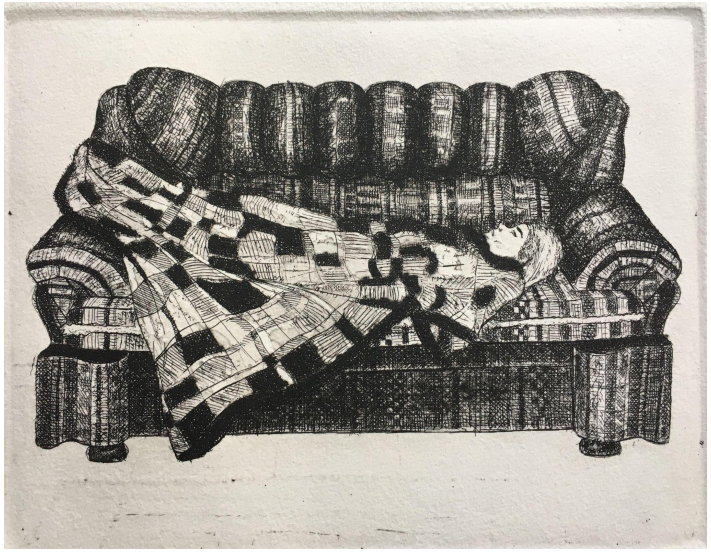


Imagem 13 - gravura em metal impressa sobre papel
20cm x 15cm (2010)

Imagem 14 - gravura em metal impressa sobre papel
30cm x 20cm (2010)

Imagem 15 - gravura em metal impressa sobre papel
30cm x 20cm (2011)

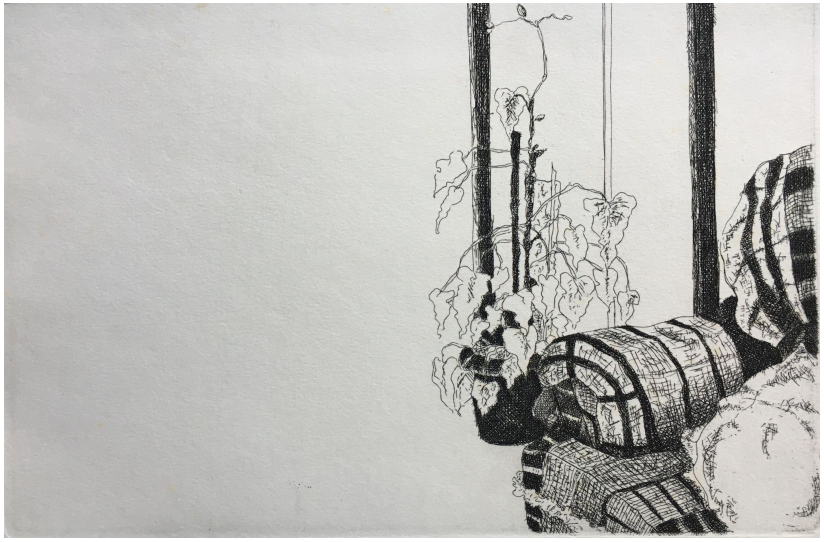


Imagem 16 - gravura em metal impressa sobre papel
30cm x 20cm (2011)

Imagem 17 - gravura em metal impressa sobre papel
30cm x 20cm (2012)

Imagem 18 - gravura em metal e aquarela sobre papel
20cm x 15cm (2014)

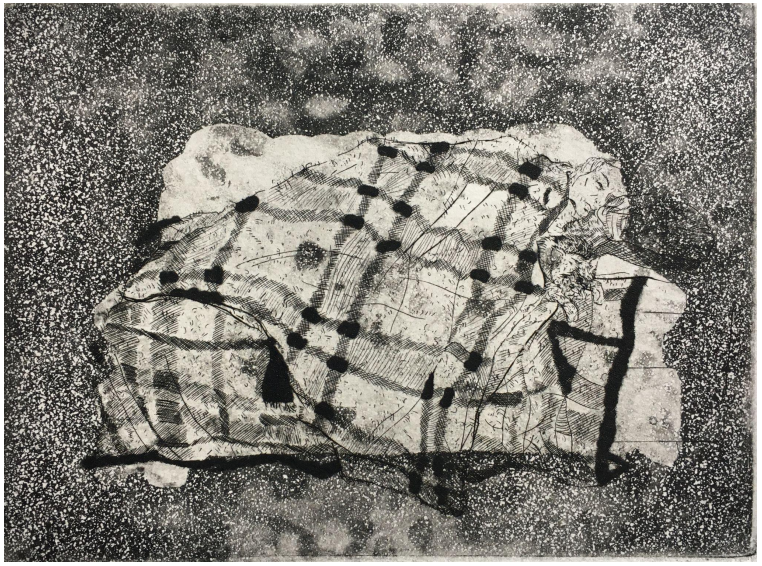


Imagem 19 - gravura em metal impressa sobre papel
20cm x 15cm (2014)

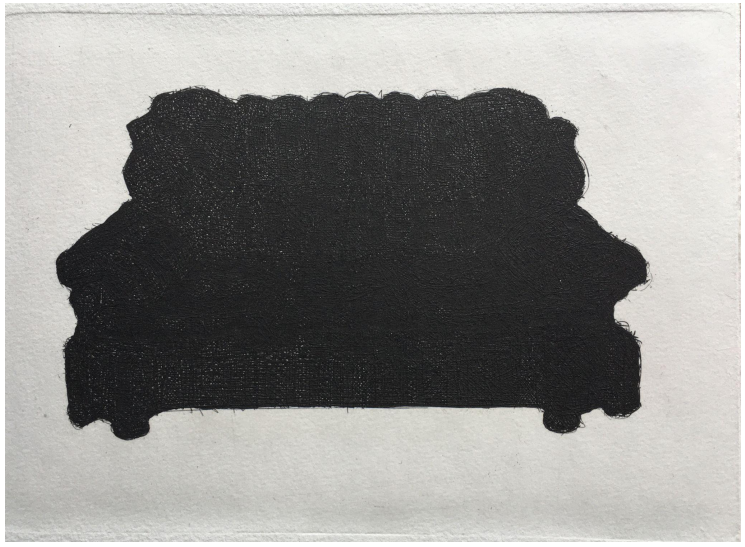


Imagem 20 - gravura em metal impressa sobre papel
20cm x 15cm (2011)

Imagem 21 - gravura em metal impressa sobre papel
20cm x 15cm (2011)

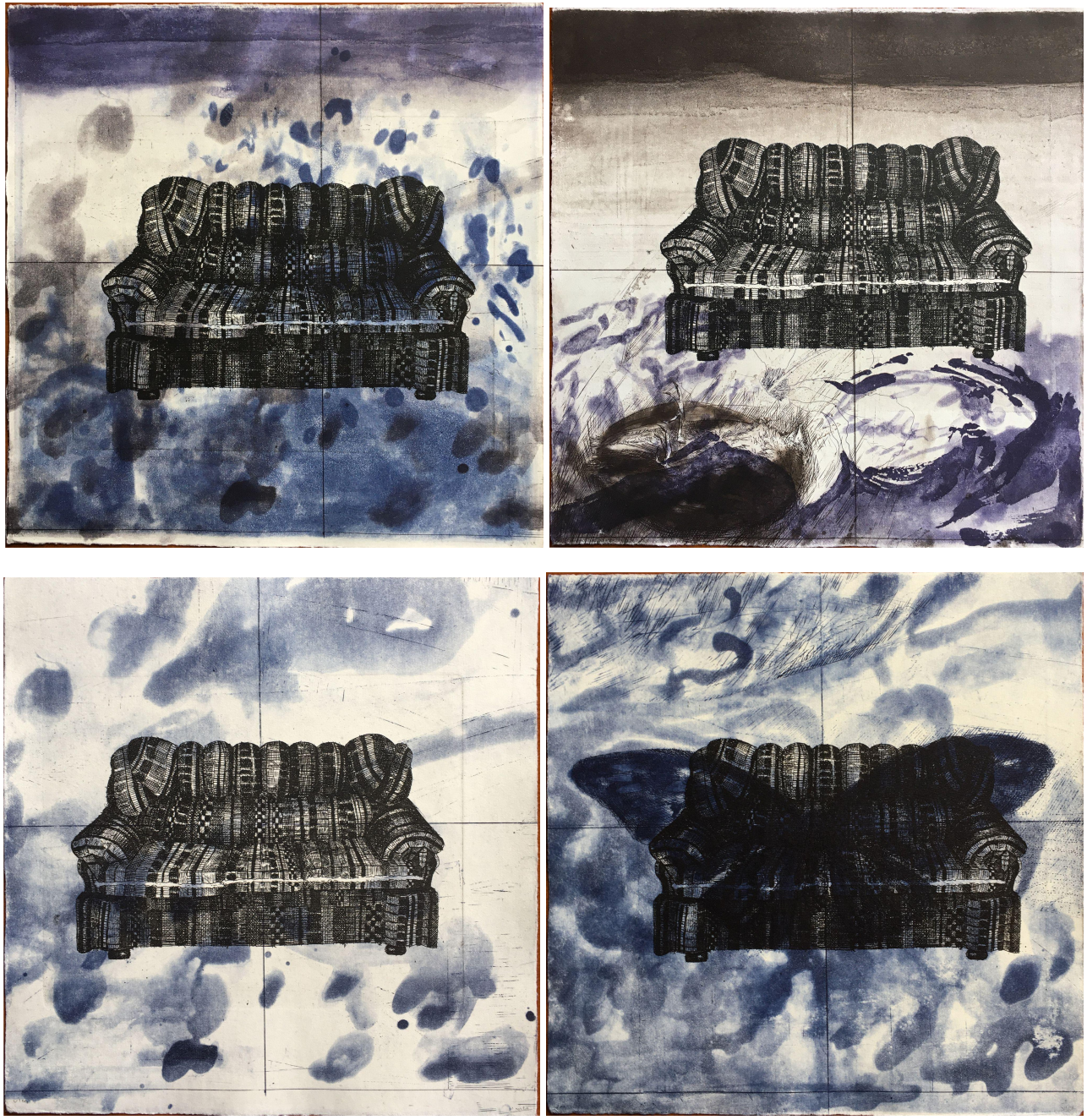


Imagem 22 - gravuras em metal impressas sobre papel
25cm x 25cm (2010 - 2022)

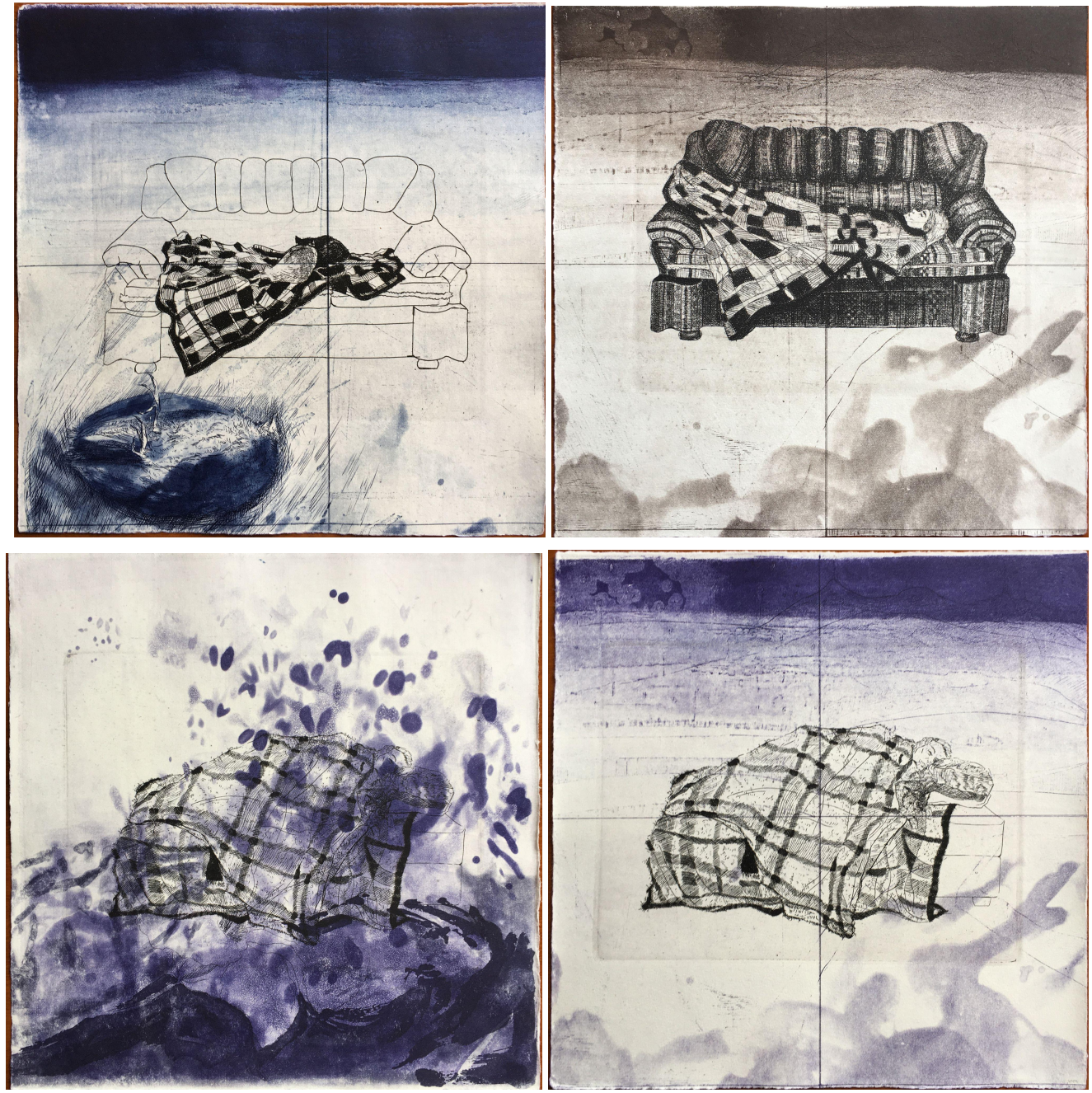


Imagem 23 - gravuras em metal impressas sobre papel
25cm x 25cm (2010 - 2022)

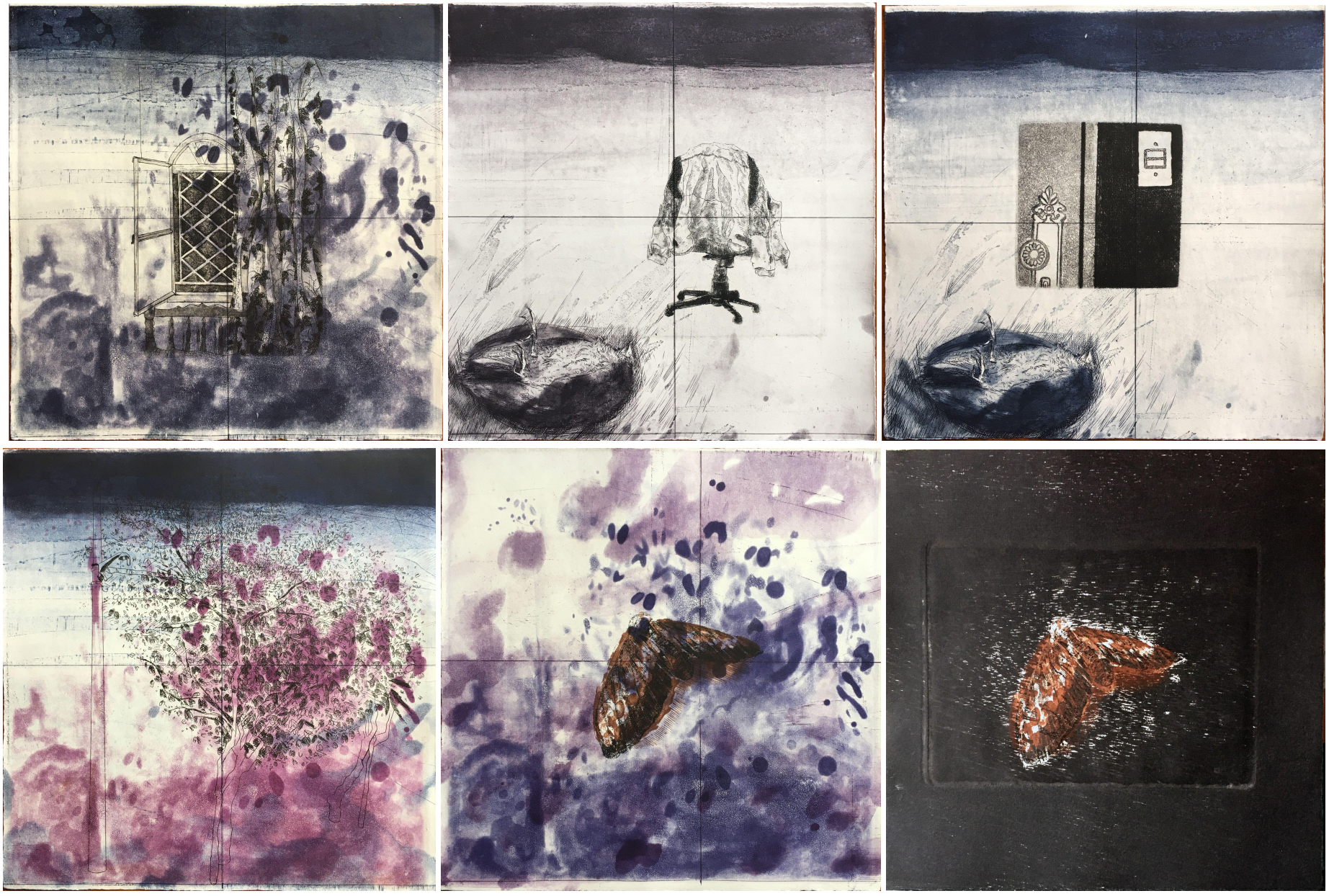


Imagem 24 - gravuras em metal (e xilogravura) impressas sobre papel
25cm x 25cm (2009 - 2022)